

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito dos Projetos (Per)cursos da graduação em História: entre a iniciação científica e a conclusão de curso, referente ao EDITAL Nº 002/2017 PROGRAD/DIREN/UFU e *Entre a iniciação científica e a conclusão de curso: a produção monográfica dos Cursos de Graduação em História da UFU*. (PIBIC EM CNPq/UFU 2017-2018). (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

Ambos visam à digitalização, catalogação, disponibilização online e confecção de um catálogo temático das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
BRUNA THALITA AQUINO SILVA

HISTÓRIA DA INTIMIDADE – UMA ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES DOS
SÉCULOS XX E XXI A PARTIR DO SERIADO NORTE-AMERICANO “*SEX AND
THE CITY*” DE DARREN STAR

2430 - IV

S/PDF

UBERLÂNDIA
2016

BRUNA THALITA AQUINO SILVA

HISTÓRIA DA INTIMIDADE – UMA ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES DOS
SÉCULOS XX E XXI A PARTIR DO SERIADO NORTE-AMERICANO “*SEX AND
THE CITY*” DE DARREN STAR

Monografia apresentada ao Instituto de
História da Universidade Federal de
Uberlândia, como exigência parcial obrigatória
para a obtenção do título de Bacharel em
História.

Orientador: Prof. Dr. Alcides Freire Ramos.

UBERLÂNDIA

2016

Bruna Thalita Aquino Silva

HISTÓRIA DA INTIMIDADE – UMA ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES DOS
SÉCULOS XX E XXI A PARTIR DO SERIADO NORTE-AMERICANO “*SEX AND
THE CITY*” DE DARREN STAR

BANCA EXAMINADORA

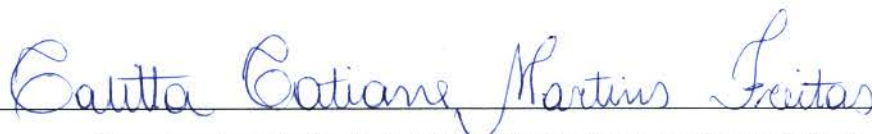


Prof. Dr. Alcides Freire Ramos (Orientador)

Universidade Federal de Uberlândia



Examinador: Prof. Ms. Rodrigo Francisco Dias



Examinador(a): Prof(a). Dr(a). Talitta Tatiane Martins Freitas

UBERLÂNDIA

2016

RESUMO

O presente estudo tem como preocupação perceber como que os movimentos femininos da segunda metade do século XX interferem nas questões em torno do tema do amor, do sexo, da família, da independência e do trabalho. Temos como objeto de pesquisa, o seriado norte-americano “Sex and the City”, de Darren Star, que foi ao ar entre os anos 1998 e 2004, pelo canal de TV a cabo HBO e exibido em centenas de países. Sabe-se que desde a segunda metade do século XX, vivemos transformações no que concerne à participação da mulher na sociedade e a forma como as mesmas eram vistas e percebidas. Mulheres que antes viviam debaixo de um controle patriarcal, obedecendo às regras impostas pelos homens, reprimidas, e percebidas somente no âmbito da vida privada, como mulheres do lar, domésticas, mães, estas, começam a desejar um espaço diferente na esfera da vida social, queriam participar, opinar, frequentar as universidades, estar no mercado de trabalho ativamente e atuar nos cargos de governo, queriam ter identidade própria que não dependesse de um homem, fosse seu pai ou marido. Aos poucos, é visível, que foram conquistando novos espaços, chegando a competir com certa igualdade, com os homens, mas ainda há um caminho para ser trilhado. Percebemos que as mudanças que ocorrem no universo feminino causam impacto em outros universos que estão diretamente interligados, como no sexo, no amor e na constituição da família, portanto nos preocupamos em perceber como essas mudanças se comunicam.

Palavras-chave: Sex and the City; transformações; século XX; mulher; amor.

ABSTRACT

The purpose of this study is to understand how the women's movement of the second half of the twentieth century impacts issues around the theme of love, sex, family and independence/work. We have as an object of research, the American series "Sex and the City," directed by Darren Star, which aired from 1998 to 2004, on the TV channel HBO and was displayed in hundreds of countries. It is known that since the second half of the twentieth century, we have lived through changes regarding women's participation in society and the way in which they are perceived. Women who once lived under a patriarchal control, obeying the rules imposed by men, repressed, and perceived only in the context of privacy, such as being housewives, mothers and wives, begin to want a different space in the sphere of social life, wanting to participate, give opinions, attend universities, be active in the labor market and in positions of government, wanting to have their own identity, not dependent on a man, such as her father or husband. Gradually, it is visible, that after conquering new areas and reaching a chance to compete with certain equality with men, there is still a path to be followed. We realize that the changes occurring in the female population has an impact in other universes that are directly interconnected, as in sex, love and the constitution of the family, so we care to understand how these changes communicate.

Keywords: Sex and the City; transformations; twentieth century; woman; love.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
Capítulo I:	
Algumas transformações do século XX e os meios de comunicação.....	12
Sex and the City.....	18
Capítulo II:	
As transformações do modelo feminino – a mulher na história	24
A mulher no seriado.....	31
Capítulo III:	
A nova mulher e o amor.....	44
Considerações Finais.....	62
Documentação e Referências Bibliográficas.....	66

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas muito tem sido falado, pensado e pesquisado em torno das questões de gênero, do amor, da sexualidade, e da igualdade entre homens e mulheres. Apesar de tal preocupação fazer parte de estudos e grupos de pesquisa de gênero em diferentes campos do conhecimento, entendemos que o tema do amor e da sexualidade não se encerrou nem se esgotou, ainda há muito para caminhar em direção às conquistas da mulher, e as transformações provocadas e vividas por esse grupo, bem como a forma que estas conquistas alcançam outras esferas da vida, como a íntima e a coletiva, uma vez que as transformações vistas no século XX ainda nos alcançam.

A preocupação em relação ao amor, ao sexo e a constituição da família, não é exclusiva da história, áreas do conhecimento como a psicologia, a sociologia, a antropologia, o direito e a comunicação social se debruçam sobre o tema, tornando-o uma preocupação interdisciplinar. É um assunto que não é apenas atual (já que outras sociedades e épocas também se preocuparam com o mesmo), mas, principalmente um assunto que tem sido muito falado, pesquisado e debatido. Portanto, percebemos que aprofundar esse debate no âmbito acadêmico e buscar avançar na pesquisa se torna importante.

O assunto, em uma perspectiva feminina, tem sido bastante trabalhado. Hoje, grupos de pesquisa giram em torno do tema do feminino, as mulheres alcançaram novos espaços na vida pública, como nas universidades, no mercado de trabalho e já possuem garantias de direitos no campo jurídico. No entanto, o tema não se encontra esgotado, ainda há muito para compreendermos sobre essa mulher que nasce nas mudanças do século XX, conhecermos melhor suas angústias, e compreendermos o que ainda desejam conquistar.

Desde muito tempo – é possível pensar na França do século XVIII –, vemos as mulheres lutando pelos seus direitos, seus desejos e sua identidade, mas, a segunda metade do século XX se mostra como um importante marco que ainda nos alcança, visto que ainda estamos em um momento de transição e de conquistas do universo feminino. É possível visualizarmos transformações em relação à participação da mulher na sociedade, sua atuação e posição social, as conquistas no mercado de trabalho e nas universidades, o que gera mudanças na forma como as mesmas são vistas e percebidas, bem como na forma como se percebem e se veem.

Para estudarmos e nos debruçarmos sobre nossas preocupações, percebemos que se fazia necessário passar pelo campo do cinema e da televisão, pois assim como vemos em Alcides Freire Ramos e em Robert Rosenstone, para estudarmos as transformações do século XX para o XXI, o cinema, assim como a televisão, são uma fonte obrigatória para a busca de conhecimento e compreensão das mudanças e de como as mesmas estavam sendo exibidas para o público, uma vez que os meios de comunicação se tornaram presentes na vida cotidiana. Buscamos entender, através de Fernando Mascarello e Regina Navarro como Hollywood se apresenta como importante pólo cinematográfico e como o surgimento da TV a cabo interfere para que estes meios de comunicação tivessem grande visibilidade e popularização na época sobre a qual lançaremos nosso olhar, a segunda metade do século XX, a partir de 1960. Assim como, Ismail Xavier e Mark Rowlands nos mostram como que a representação se coloca como uma das ferramentas mais importantes na construção cinematográfica e televisiva.

Para isso, trabalharemos com o seriado norte-americano *Sex and the City* que aborda temas ligados aos objetivos de quatro mulheres diferentes entre si – que apesar de serem grandes amigas, são independentes, bem sucedidas e solteiras – como exemplo, a construção da família, o prazer sexual, o amor e o trabalho, sendo esse o motivo que me levou a escolha do mesmo.

Este nos permite analisar sobre aspectos semelhantes à realidade de algumas mulheres e envolvidos na trama, somos capazes de perceber como o fato de estarem no mercado de trabalho, de terem estudado, de serem bonitas, ou seja, de serem bem sucedidas e independentes, se torna um problema para o relacionamento. Permite-nos também observar como são os tipos de relacionamentos amorosos por elas construídos e como elas lidam com as questões que são trazidas junto com a mulher que nasce no final do século XX.

O seriado proporcionará um diálogo interessante com o grande fenômeno do século XX que foi a inserção das mulheres no mercado de trabalho, a grande quantidade de mulheres frequentando as universidades e a possibilidade de se afirmarem sem a presença de um homem, passando este a ser uma presença, talvez desejosa, mas não necessária.

Sex and the City, nos permite uma reflexão bastante interessante em torno de suas personagens, uma vez que cada uma das personagens centrais – Carrie, Samantha, Charlotte e Miranda – parecem possuir características de várias mulheres, por isso, possibilita a sensação para quem assiste de se identificar com diferentes personagens em

momentos diferentes. Carrie, Samantha, Charlotte e Miranda são tipos femininos, e claramente, o criador do seriado está preocupado com a “representação” desses tipos, deseja que as mulheres que vierem a assistir o seriado possam se ver representadas.

Roger Chartier mostra que a representação “é um dos conceitos mais importantes utilizados pelos homens do Antigo Regime quando pretendem compreender o funcionamento da sua sociedade ou definir as operações intelectuais que lhes permitem apreender o mundo”¹. Assim, entendemos que é por causa da representação trazida pelo seriado que se torna possível utilizá-lo nesta pesquisa para pensar a mulher do final do século XX e início do XXI, pois se não houvesse esta identificação, poderíamos apenas pensar no seriado em si mesmo, e não seria possível pensar outras mulheres a partir do seriado. Ou seja, é a partir das representações encontradas em *Sex and the City* que buscamos compreender o funcionamento social.

Portanto, buscamos analisar a participação da mulher na história, a forma como eram vistas e percebidas, bem como as funções e espaços que as mesmas tinham e exerciam na sociedade. Também nos preocupamos em olhar para o amor na história, e percebermos como amor, sexo, e família se comunicavam e como esta relação tem se transformado, diante das transformações femininas. Passamos, também, pelo cinema e pela televisão, uma vez que nosso objeto de pesquisa é o seriado *Sex and the City*, para assim percebermos como cinema e televisão se comunicam com a história e com o nosso tema.

Para isso, organizamos este trabalho em três capítulos, com a intenção de respondermos aos nossos questionamentos de forma satisfatória e clara.

O primeiro capítulo, que possui dois subtítulos, o primeiro intitulado de “Algumas transformações do século XX e os meios de comunicação”, tem como objetivo introduzir a discussão em torno do feminino, levantando alguns apontamentos em relação à mulher; buscamos entender e refletir acerca da relação entre história, cinema e televisão, para assim mostrar como essas duas ferramentas são importantes para o entendimento do período estudado – a segunda metade do século XX, a partir de 1960 –, buscando compreender através destes meios de comunicação como se davam as mudanças que ocorreram naquele período, em relação à formação e consolidação de uma mentalidade; e o segundo subtítulo, intitulado “*Sex and the City*”, que busca

¹ CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. 2. Ed. Lisboa: DIFEL, 2002. P. 23

introduzir o seriado tanto no contexto de sua produção, como percebermos neste as suas características e especificidades, bem como a temática sobre a qual o mesmo se preocupa e a trama se desenvolve.

Já no segundo capítulo, também com dois subtítulos, sendo o primeiro intitulado de “As transformações do modelo feminino – a mulher na história” e o segundo de “A mulher no seriado”, buscamos aprofundar a discussão em torno do universo feminino, percebendo estas no processo histórico, e no seriado; aprofundamos a reflexão em torno das transformações do feminino, e da história das mulheres, bem como sobre a revolução sexual; neste momento, traçamos os perfis das personagens centrais de *Sex and the City* – Carrie, Samantha, Charlotte e Miranda –, buscando entendê-las como sujeitos e a forma como cada uma se relaciona com os temas do amor, do sexo, da família e da independência.

Já o terceiro capítulo, possui um subtítulo, sendo este intitulado de “A nova mulher e o amor”, falamos sobre a mulher que nasce diante de tais transformações, buscando compreendê-las, suas novas faces, angústias e objetivos; mostramos como a mulher do sistema tradicional/patriarcal se comportava, e como esta nova mulher se posiciona, tanto no privado quanto no público, quais espaços já foram conquistados e quais permanecem como luta; buscamos entender como a nova mulher olha para o amor, o sexo, a família e a independência, através da reflexão proporcionada pelo seriado, assim como pelas leituras da bibliografia indicada. Para isso, também, lançamos um olhar sobre o amor, entendendo o que pode ser esse amor, tanto para a história como para o seriado, e como este se configura.

No uso do seriado *Sex and the City*, escolhemos quatro episódios de temporadas diferentes que foram essenciais para traçarmos o perfil de cada personagem, assim, os utilizamos para que nos dessem elementos para pensarmos as personagens, uma vez que é a partir delas que desenvolvemos a reflexão.

Nas considerações finais, buscamos mostrar o que foi possível perceber sobre a nova mulher tanto através das leituras, como a partir do seriado; também, nos propomos a lançarmos uma reflexão daquilo que compreendemos ser o futuro dos relacionamentos, a partir do que vimos na pesquisa e encontramos no seriado, entendendo que ainda não é possível respondermos a todos os questionamentos e angústias da nova mulher, uma vez que ainda estamos em processo de transição, e apesar do que já foi conquistado, a luta da mulher não acabou, assim, ainda não podemos considerar a realidade da igualdade entre os gêneros.

Para isso nos propomos na análise do seriado *Sex and the City* bem como em uma leitura de Friedrich Engels, Mary Del Priore, Marc Ferro, Michelle Perrot, Regina Navarro Lins, Zygmunt Bauman, Laura Kipnis, Alcides Freire Ramos, Robert Rosenstone, e Fernando Mascarello.

Capítulo I:

Algumas transformações do século XX e os meios de comunicação

O século XX, especialmente sua segunda metade, foi marcado por diversas transformações no que tange ao universo da mulher, com a revolução feminina e a liberação sexual, sendo favorecidos por avanços tecnológicos, como a produção da pílula anticoncepcional e a popularização dos meios de comunicação, estes, por sua vez, exercem um papel importante para a solidificação de uma nova visão a respeito da mulher que nascia juntamente com as mudanças que ocorriam.

Questões relativas à intimidade desde muito tempo se apresentam como algo importante para as mais diversas sociedades, tendo sido por muito tempo tratado com pudor e envolvendo diversos tabus (com os quais ainda não conseguimos romper totalmente). Temas como sexo, prazer e amor foram concentrados por séculos no cerne da vida privada, e por vezes também foram ignorados pelas famílias, como assuntos que não deveriam ser conversados, pois eram considerados pecaminosos para a Igreja e poderiam manchar a honra do casal e da família, portanto, eram tratados como tabus e deviam ser silenciados.

Neste capítulo buscarei introduzir algumas transformações do feminino no século XX e mostrar como os meios de comunicação - em especial a televisão e o cinema - foram importantes para a formação de uma mentalidade na virada do século XX para o XXI e diante de tantas transformações, as quais podemos ver até os dias de hoje.

A intenção deste capítulo será apresentar porque o uso do seriado *Sex and the City* se torna importante para a discussão, não abordaremos as questões específicas do seriado que acabam por se tornar nosso ponto de interesse, mas nos preocuparemos em justificar o uso do cinema e da televisão e mostrar como essas ferramentas podem ser utilizadas pelo historiador, como uma fonte importante de conhecimento e entendimento social.

Nesta perspectiva, podemos entender que uma pessoa que se propõe a estudar as transformações do século XX para o XXI, deverá passar pelo cinema e pela televisão como uma fonte obrigatória, uma vez que é nesta época que ambos ganham maior visibilidade e popularizam, como uma forma de transmitir as histórias e contribuir para o conhecimento. Podemos entender isso olhando para a afirmação de Rosenstone:

Primeiro, o cinema e, mais tarde, o seu rebento eletrônico, a televisão, se tornaram, em algum momento do século XX, o principal meio para transmitir as histórias que nossa cultura conta para si mesma - quer elas se desenrolem no presente ou no passado, sejam elas factuais, ficcionais ou uma das duas coisas. Filmes, minisséries, documentários e docudramas históricos de grande bilheteria são gêneros cada vez mais importantes em nossa relação com o passado e para o nosso entendimento da história. Deixá-los fora da equação quando pensamos o sentido do passado significa nos condenar a ignorar a maneira como um segmento enorme da população passou a entender os acontecimento e as pessoas que constituem a história.²

Porém, veremos em Alcides Ramos que o cinema e a televisão não foram sempre tratados como uma ferramenta importante, uma vez que na época em que surgiu, eram apenas um meio de diversão, mas atualmente se apresentam, também, como uma ferramenta importante para a transmissão de informações, criando o que Ramos chama de “cultura audiovisual”, como veremos:

O Cinema na época do seu surgimento, aos olhos dos primeiros espectadores, não passava de uma espécie de meio de diversão, uma curiosidade trazida pelo desenvolvimento da técnica. No entanto, com o passar do tempo o cinema acabou por se transformar numa das mais importantes formas de entretenimento de massa do século XX, ampliando cada vez mais seu contato com o público. Nessa medida, tornou-se quase um “truismo” afirmar que a nossa é uma época marcada por uma revolução irreversível. Com efeito, o material audiovisual (Cinema e Televisão) está definitivamente incorporado à nossa vida cotidiana, constituindo-se em grande fonte de informação (especialmente a Televisão) e divertimento de massa (o cinema quer em sua forma tradicional, quer com o uso doméstico dos aparelhos de Vídeo-Cassete, bem como a Televisão com as “novelas”). Isto pode ser observado com mais clareza junto às gerações mais jovens as quais admiram e utilizam estes meios com uma facilidade que, não raramente, surpreende os que se educaram, sobretudo, com o uso da palavra escrita. Diante disso, era de se esperar que esta expansão ininterrupta de uma cultura audiovisual tornasse inevitável a preocupação dos *HISTORIADORES* com a produção cinematográfica. Ocorre porém que, até a primeira metade do século XX, os profissionais que trabalham com História quase nenhum interesse profissional manifestaram por essa nova modalidade de arte/comunicação/entretenimento. Já a partir da década de sessenta, multiplicaram-se os artigos, livros, debates, ciclos de filmes e revistas especializadas; tudo isso dedicado ao tema História-Cinema.³

Arlindo Machado, se dedica ao estudo dos meios de comunicação, no livro “A televisão levada a sério”, se debruça sobre o estudo específico da televisão, buscando mostrar questões importantes que são trazidas pela televisão, mas por vezes são ignoradas. Para Machado é hora para tentar redescobrir a televisão, dando a esta a

² ROSENSTONE, Robert A. A história nos filmes, os filmes na história. São Paulo: Paz e Terra. 2010. P. 17

³ RAMOS, Alcides Freire. **Canibalismo dos Fracos**: cinema e história do Brasil. São Paulo: Edusc, 2002 p. 15-16

atenção que necessita, olhando-a como uma arte criativa, inteligente e crítica. Ainda sobre o lugar que a televisão ocupa no século XX, Machado diz que

costuma-se dizer que a televisão é o meio hegemônico por excelência da segunda metade do século XX, e, de fato, teorias inteiras sobre o modo de funcionamento das sociedades contemporâneas têm sido construídas com base na inserção desse meio nos sistemas políticos ou econômicos e na molduragem que ele produz nas formações sociais ou nos modos de subjetivação.⁴

Portanto, uma vez que nossas preocupações estão centradas nas mudanças do século XX para o XXI, o cinema, bem como a televisão se torna uma ferramenta de grande importância e, portanto, sobre a qual nos debruçaremos, tendo como objeto de estudo o seriado *Sex and the City*, de Darren Star, transmitido pelo canal de televisão norte-americano HBO, entre os anos 1998 e 2004.

Robert Rosenstone, em seu livro “A história nos filmes, os filmes na história”, busca relacionar como o cinema e a história se comunicam, refletindo também sobre o cineasta, se este poderia ser considerado historiador, uma vez que também faz uma leitura sobre a história e seus acontecimentos. Contudo, o que mais nos chama a atenção, é a possibilidade de trabalhar com o cinema e a televisão para pensar sobre a história, ou seja, ver no cinema e na televisão ferramentas ricas para a busca do conhecimento, rompendo com a idéia de que apenas as fontes escritas podem nos proporcionar conhecimento em relação à história, a cultura e os acontecimentos sociais. Como diz Rosentone, não são apenas as fontes escritas que possuem o papel de relatar a “verdade” histórica e não são as únicas detentoras do conhecimento, ou seja, os filmes também são capazes de demonstrar olhares e perspectivas históricas e possibilitar reflexões em torno da mesma, contudo, o fazem através de uma linguagem, talvez diferente para muitos, que é o cinema. Rosenstone diz que

entendemos que a história são palavras em uma página e não imagens em uma tela. A história é alguma coisa que vamos trilhando com nosso próprio ritmo, um texto que podemos analisar à vontade, e não um ataque de imagens em movimento e sons que passa por nós a 24 quadros por segundo. No entanto, mais de um século após a invenção do cinema, parece estar na hora de admitir que boa parte do que aprendemos sobre o passado é transmitida ao público por meio dessa mídia visual.⁵

⁴ MACHADO, Arlindo. A televisão levada a sério. 6 ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2014. PP. 15-16

⁵ ROSENSTONE, Robert A. A história nos filmes, os filmes na história. São Paulo: Paz e Terra. 2010. P. 83

Os autores até então citados, chamam a atenção para olharmos essas ferramentas como fontes capazes de nos dar informações importantes acerca do conhecimento, e buscar nelas também o entendimento histórico e social.

Já no século XX, os Estados Unidos da América se colocam como um importante veículo de produção dessa forma de comunicação, trazendo Hollywood como o grande pólo produtor de cinema e televisão, primeiramente para consolidar os ideais acerca da mulher, e consolidar o ideal do amor romântico, trazendo em suas produções mulheres que aspiravam ao casamento e o tinham como objetivo, bem como mulheres que eram “do lar”, ou seja, a mulher doméstica que vive apenas no privado, que desejavam um marido para se reafirmarem e a quem corresponderiam aos desejos e ao ideal masculino, e um amor que era forte o suficiente para romper barreiras. Regina Navarro diz que

“foi Hollywood, desde os dias em que sua popularidade se difundiu, nessa época, até a televisão passar a ter mais influência nos anos 1950, que sustentou a imagem do casamento como objetivo natural da mulher, a culminação romântica de sua vida. Muitas mensagens sempre foram vendidas ao público, mas nunca nenhuma o foi tão efetivamente como a mensagem hollywoodiana de glamour, romance e casamento. Muito depois que a “mulher moderna” se libertou das ideias e hábitos de sua avó vitoriana, Hollywood continuava a condicioná-la à crença de que o lugar e o destino da mulher estavam no lar.”⁶

Mas, com as transformações do feminino, a representação da mulher também começa a mudar, e Hollywood vem como símbolo de depravação, em que “todas as mudanças repercutem no cinema: a realidade aí torna-se ficção, e esta por sua vez contamina a realidade”.⁷

Fernando Mascarello em seu texto “Cinema Hollywoodiano Contemporâneo”, mostra que Hollywood enfrentou uma crise nos anos 1960 que o levou a “reconfiguração estética e mercadológica do blockbuster a partir de 1975, no contexto da integração horizontal dos grandes estúdios aos demais segmentos da indústria midiática e de entretenimento”.⁸ Com isso, Hollywood pode ser olhada como tempos diferentes, até meados de 1960 e após 1975 – o autor apresenta o período entre 1960 e 1975 como um tempo de crise para Hollywood, por isso o divide em dois momentos. Mascarello ainda diz que

⁶ LINS, Regina Navarro. O livro do amor, volume 2. 3. Ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2013. Pp. 219-220.

⁷ Ibid., P. 224.

⁸ MASCARELLO, Fernando. Cinema Hollywoodiano Contemporâneo. In. MASCARELLO, Fernando (org.). História do Cinema Mundial. 7 Ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. P. 335.

“essa produção pós-1975 se define pelo abandono progressivo da pujança narrativa típica do filme hollywoodiano até meados de 1960, e também por assumir a posição de carro-chefe absoluto de uma indústria fortemente integrada, daí em diante, à cadeia maior da produção e do consumo midiáticos (cinema, TV, vídeo, jogos eletrônicos, parques temáticos, brinquedos etc.).”⁹

Logo, é possível percebermos ainda mais claramente como Hollywood se coloca como pólo importante da produção cinematográfica e televisiva, principalmente ao trazer o blockbuster. Assim, acaba por reforçar a importância de trabalhar com uma produção hollywoodiana e/ou norte-americana, pós-1975, para o tema ao qual nos propomos.

Com as fases apresentadas por Mascarello, percebe-se que a partir 1975, o blockbuster¹⁰ se apresenta como uma ferramenta extremamente importante na produção de Hollywood. Como o autor nos mostra, o pós-Segunda Guerra foi bastante importante para o surgimento de uma Nova Hollywood (ao olhar para Hollywood e o perceber em diferentes fases, uma anterior a Segunda Guerra e outra posterior, o autor as chama de Velha Hollywood e Nova Hollywood, respectivamente) por diversas questões, entre uma delas a consolidação da televisão ao mesmo tempo em que havia um forte declínio do público do cinema,

a popularização da TV a cabo e do vídeo doméstico, dois mercados altamente dependentes do produto filmico hollywoodiano. Implementada na prática a partir de 1975, por ocasião do lançamento da HBO, a TV paga servia a 9 milhões de lares americanos em 1980, passando a 42 milhões em 1990.¹¹

O seriado sobre o qual nos debruçamos, foi produzido e exibido no final da década de 1990, em um meio bastante popular para a época, a TV a cabo – televisão fechada, por assinatura –, através do canal HBO (Home Box Office) que é um canal norteamericano. Como vimos, a HBO é um dos canais a cabo mais assistidos dos Estados Unidos, alcançando várias famílias, e é também transmitido em diversos outros países, inclusive no Brasil, o canal foi lançado na década de 1970, e se tornou conhecido pela exibição de documentários, filmes, esportes e seriados, possui também outros canais derivados, como: HBO Comedy, HBO Family, HBO2, e ainda outros que são direcionados a temas e públicos diversos, assim alcançando interesses de diferentes

⁹ MASCARELLO, Fernando. Cinema Hollywoodiano Contemporâneo. In. MASCARELLO, Fernando (org.). História do Cinema Mundial. 7 Ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. P. 336.

¹⁰ Entende-se por blockbuster, os filmes com estética perfeita e narrativa diferente da estética hollywoodiana clássica, também são filmes com alto índice de popularidade, tanto em bilheteria quanto em visibilidade da televisão a cabo

¹¹ MASCARELLO, Fernando. Cinema Hollywoodiano Contemporâneo. In. MASCARELLO, Fernando (org.). História do Cinema Mundial. 7 Ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. P. 348.

públicos, portanto, nos parece bastante apropriada essa reflexão utilizando um seriado que fora exibido neste canal.

Regina Lins diz que no século XX alguns ideais sociais foram trazidos pelo cinema, possibilitando a formação de uma nova mentalidade acerca do universo feminino, antes retratado de forma tão tradicional,

entretanto, a alegoria da “família feliz”, na qual o homem, como senhor do lar, governa, e a esposa, o anjo da casa, é dócil e se submete a ele, foi um ideal social que posteriormente a indústria cinematográfica reabilitou, influenciando, dessa forma, a mentalidade do século XX.¹²

Assim, mais uma vez, podemos pensar sobre, não apenas a representação e a identificação, mas também sobre as influências na formação de uma cultura, de uma instituição social. Torna-se claro que a televisão e o cinema são muito importantes na formação de uma mentalidade e que para aqueles que assistem a esses veículos de comunicação, se ver representado (ou ver representado alguém que gostaria de ser), e ver a possibilidade de se identificar com as personagens, é valioso para que haja a absorção do que é mostrado na tela.

Mark Rowlands, no livro “Tudo o que sei aprendi com a TV”, faz uma análise da filosofia em alguns seriados de televisão, mostrando como muito do que é mostrado nesses seriados se aplica à vida de quem os assiste, o autor acredita que absorvemos, mesmo que inconscientemente o que estes seriados trazem e diz que

Então você se senta ali e absorve - todas as pequenas discrepâncias, ambiguidades, incongruências, inconsistências e contradições. Até paradoxos. Você absorve tudo e, conseqüentemente, torna-se uma pessoa discrepante, ambígua, incongruente, inconsistente, contraditória, e até paradoxal. (...) O que isso nos mostra? Basicamente, que somos máquinas de imitação. Somos esponjas que absorvem as influências estereotipadas que nos cercam - ao ponto de assumirmos as características desses estereótipos. Na maior parte do tempo, é claro, não temos consciência de que estamos fazendo isso. Mas fazemos de qualquer jeito. Então você acha que pode ficar diante da programação da TV da modernidade, com sua oferta discrepante, ambígua, incongruente, inconsistente, contraditória e até paradoxal sem adquirir essas características? Ta, tudo bem!¹³

Assim Rowlands reforça o entendimento de que a televisão e o cinema contribuem para a formação de uma cultura, consolidando mentalidades e olhares sobre os temas acerca dos quais tratam.

Tanto a popularização da televisão a cabo, como a sua entrada em outros países foi muito importante para o contato de mulheres de países diversos com novas culturas

¹² LINS, Regina Navarro. *O livro do amor*, volume 2. 3. Ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2013. P. 170.

¹³ ROWLANDS, Mark. *Tudo o que sei aprendi com a TV: a filosofia nos seriados de TV*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008. Pp. 22-23

e novas formas de pensar. Mary Del Priore¹⁴ diz que com a introdução da TV a cabo, os homens e mulheres puderam ter contato com padrões de relacionamento estrangeiro e com isso, vemos psicólogos e psicanalistas preocupados com os desdobramentos que essa rápida fratura e mudança que vimos acontecer no século XX, nos alcança e a forma como interfere na família e nas relações entre os homens e as mulheres.

Sex and the City

Sex and the City, claramente não é um filme histórico/épico¹⁵, mas, um filme que mostra o que está acontecendo naquele momento, parece-nos, estar relacionado com as transformações da época de sua produção, relatando uma perspectiva contemporânea e os embates que nasciam com uma nova ideia de mulher - sabe-se que todo filme mostra, de alguma forma, a realidade da sua época, construindo uma relação entre o tempo ao qual se refere e o momento no qual nasce, ou seja, é produzido, mas, *Sex and the City* não está tentando reconstruir ou reler fatos do passado, e sim, refletir sobre as mudanças que estão sendo vividas no período o qual foi criado, está falando da nova face e das angústias da mulher que está nascendo.

Apesar de não mostrar as mulheres queimando sutiãs em busca de liberdade e independência ou protestando em favor do direito ao voto, uma vez que o seriado é produzido após esses acontecimentos e não se preocupa em mostrá-los, o mesmo fala sobre a busca da liberdade feminina, não apenas sexual, mas em diversos níveis do universo da mulher, como o profissional, o emocional, o econômico e outros, mas não está preocupado apenas com as transformações, mas em falar sobre as dificuldades sociais e as angústias que as mulheres enfrentam mesmo após terem conquistado alguns direitos e objetivos.

O seriado norte-americano *Sex and the City* foi baseado na obra homônima de Candace Bushnell – a escritora, assim como Carrie (ou Carrie, assim como Bushnell), também é colunista em um jornal, o *New York Observer*, escrevia histórias baseadas nas experiências de suas amigas, assim como Carrie faz no seriado, logo o livro que deu

¹⁴ DEL PRIORE, Mary. Palestra: *O casamento entre amor e sexo – o cuidado é feminino*. Café Filosófico. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PvmTr20dSXE>. Acesso em: 20 de agosto de 2015.

¹⁵ : Estamos pensando neste termo na perspectiva apresentada por Rosenstone, como filmes que relatam acontecimentos ou fatos do passado, aqueles que por vezes consideramos como “os grandes acontecimentos históricos”

origem a série é a reunião dos textos publicados em sua coluna, uma diferença porém que é importante notarmos, é que as amigas de Bushnell se pareciam em sua maioria com Samantha, logo as outras personagens foram criadas pelo produtor do seriado, Darren Star –, e veiculado pelo canal de televisão HBO, fora criado por Darren Star, possui seis temporadas em um total de noventa e quatro episódios e com aproximadamente 30 minutos de duração, teve início em 1998 e término em 2004, e fora exibido em centenas de países, Martha Mendonça e Marianne Piemonte, no artigo “Como o seriado Sex and the City inventou a mulher moderna”, para a Revista Crescer¹⁶, diz que o mesmo ainda é exibido em mais de 200 países.

Quatro anos após o término da série, é lançado o filme baseado na mesma, com o mesmo título e as mesmas personagens centrais – trouxe também alguns dos personagens masculinos e outros novos personagens –, e o segundo filme que é continuidade do primeiro fora lançado em 2010. Mesmo bastante tempo após o fim da série, os filmes tiveram, surpreendentemente, um grande público.

O seriado tem como personagens centrais, Carrie Bradshaw (Sarah Jessica Parker), Charlotte (Kristin Davis), Samantha (Kim Cattral), e Miranda (Cynthia Nixon), quatro mulheres, melhores amigas, com faixa etária entre 30 e 40 anos, bem sucedidas em suas profissões, independentes, lindas e que passam as seis temporadas do seriado vivendo experiências sexuais, compartilhando-as entre elas, assim como questionando sobre aspectos relevantes da vida da “nova mulher”¹⁷, como o amor, o sexo, a maternidade, a constituição da família e o trabalho.

Sex and the City faz parte do gênero “comédia”, mas reúne características de diferentes formas de programa televisivo, bem como o cinematográfico – a série, como dito acima, após seu término produziu ainda dois filmes com as mesmas personagens femininas e trouxe de volta alguns personagens masculinos, assim como novos personagens.

Podemos perceber características do sitcom (abreviatura de “*situation comedy*”) – ou seja, são os programas que fazem comédia dos costumes, das situações, logo provocam humor com situações e em ambientes do cotidiano, - no seriado Sex and the

¹⁶ MENDONÇA, Martha; PIEMONTE, Marianne. Como o seriado Sex and the City inventou a mulher moderna. Revista Crescer. Disponível em: <http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,ERT5337-15565,00.html>

¹⁷ Entendemos como nova mulher aquela que não espera sua emancipação vinda de um homem, a mulher independente, que trabalha, que busca a realização de sonhos pessoais e possui liberdade sexual.

City. Uma característica do sitcom é ser gravado em estúdio diante de uma plateia (por isso, muitos programas considerados sitcom, utilizam o efeito sonoro da risada gravada ao fundo, mas não é o caso de *Sex and the City*). Há também um diálogo com a produção cinematográfica, como a forma de filmagem, as cenas externas (diferentemente do sitcom) e a continuidade, ou seja, apesar de cada episódio ter um tema central sobre o qual se desenvolve, eles estão interligados entre si, constituindo a trama, e construindo uma história – diferente do modelo do sitcom, no qual a situação apresentada é totalmente resolvida no episódio.

Juliana Kopp, em sua monografia, “Análise da representação feminina em *Sex and the City*”, diz que

“a série *Sex and the City* pode ser reconhecida como um sitcom pelo tratamento dado a temática abordada e pela sua estrutura narrativa, apresentando, todavia, características diferentes dos sitcoms clássicos. A trama da série aborda a temática central através de uma comédia de situação e de costumes, trabalhando com as situações dramáticas através de predominante tom cômico e sarcástico. As cotidianas aventuras e desventuras amorosas e sexuais das personagens centrais que constituem o material cômico do seriado”.¹⁸

Márcia Rejane Messa, também dispensa uma atenção especial ao estudo do seriado, bem como de sua estrutura, na dissertação “As mulheres só querem ser salvas: *Sex and the City* e o pós-feminismo”. Ao pensar sobre as tomadas externas nas gravações, o efeito sonoro da “risada”, Messa diz que “atualmente, isso não é uma prerrogativa, pois muitas *sitcoms* trazem tomadas externas e dispensam as “risadas” como uma maneira de engajamento. Esta sensação nas *sitcoms* de hoje, se dá cada vez mais pela verossimilhança, pela inserção do cotidiano na narrativa”¹⁹, mas reafirmará como a identificação do telespectador é importante e deve se dar de forma rápida, imediata. Ou seja, considera-se *Sex and the City* como um sitcom, uma vez que trata de forma cômica situações em torno da mulher, trazendo pontos de vistas diferentes sobre as questões que elas debatem, assim, o fato de se utilizar da comédia, permite tratar os assuntos de forma mais distante dos sentimentos que estes despertam.

¹⁸ KOPP, Juliana Borges. Análise de representação feminina em *Sex and the City*. Salvador, 2006.

(Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia). P. 25.

¹⁹ Tese (Mestrado) – Faculdade de Comunicação Social, PUCRS, Porto Alegre. Messa, Márcia Rejane Postiglioni. *As mulheres só querem ser salvas: Sex and the City e o pós-feminismo*. Porto Alegre, 2006. Disponível em: <http://meriva.pucrs.br:8080/dspace/handle/10923/2146>, p. 43.

Arlindo Machado, se propõe a estudar alguns gêneros televisuais, entre eles, a narrativa seriada, a qual o autor diz que existem três tipos básicos, deste gênero. O autor mostra que apesar de apresentar os três tipos, ele percebe que estes não se realizam isoladamente, mas que se comunicam, contudo, um deles se destaca na produção. *Sex and the City* também se encaixa nestes, uma vez que se apresenta como um seriado. Vemos características do segundo tipo apresentado por Machado se comunicando com o mesmo, visto que cada episódio possui uma história completa, que pode ser assistida fora de ordem, contudo, em todos os episódios tem-se os mesmos personagens principais e também uma mesma situação narrativa. Machado diz que

Por outro lado, existem seriados em que, malgrado se possa verificar uma estrutura básica de episódios independentes, permitindo, portanto, que possam ser assistidos em qualquer número ou ordem, há uma situação teleológica, um início que explica as razões do(s) conflito(s) e uma espécie de objetivo final que orienta a evolução da narrativa. Aqui também a série pode desdobrar-se ao infinito, enquanto houver audiência, mas há um episódio inaugural que explica o contexto da série e é possível ainda que, em algum momento, os realizadores resolvam colocar um ponto final na história, fazendo com que os personagens principais possam atingir uma meta prefixada.²⁰

Através das quatro personagens centrais vemos diferentes características das mulheres, sendo que cada uma delas carrega perfis diferentes, mas que se comunicam diretamente com o público. As mulheres que assistem *Sex and the City*, facilmente se identificam com ao menos uma personagem, mas conseguem encontrar semelhanças com todas elas em momentos diferentes, talvez, este seja um ponto tão importante para o sucesso da série, a identificação – esta só pode ser experimentada diante de um processo de representação.

Ismail Xavier, na obra “O discurso cinematográfico - a opacidade e a transparência”, ao falar sobre Edgar Morin, mostra como este percebe o sistema de identificação do cinema com o homem, bem como, como este se relaciona com o social, sendo, para o autor muito importante que haja a relação, a identificação do que se vê, com quem assiste. Xavier diz que “para ele, a identificação constitui a “alma do cinema” (...) Ele está convicto de que esta relação, que um cinema particular num momento particular estabeleceu com o espectador, é imperativa, fazendo parte da essência do novo veículo”.²¹

²⁰ MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. 6 ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2014. P. 85.

²¹ XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*, 2 edição. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 2 impressão, 2012. P. 23

Percebemos, assim, que a identificação no cinema é fundamental tanto para o próprio cinema, porque assim pode criar uma relação com quem assiste, quanto para a instituição social, retratando questões que se comuniquem e formem algo em quem assiste.

Antes da segunda metade do século XX, a representação feminina, não apenas em seriados, mas na televisão e no cinema, estavam majoritariamente relacionados à mulher na esfera privada, a esposa de um homem, submissa, mãe, dona de casa, o tipo de mulher que estava dentro dos padrões e convenções sociais estabelecidos. Contudo é possível perceber mudanças na representação do feminino em filmes e séries a partir de 1950, trazendo uma mulher como sujeito e indivíduo, que possui uma voz para além do homem, seja este seu pai ou seu marido. Certamente que não foi geral e total essa transformação na representação feminina, mas, neste momento, começava a vir novos olhares sobre as mulheres e a possibilidade de outros perfis de mulheres serem representados nas telas do cinema e da televisão.

Belkis Morgado, em seu livro “A solidão da mulher bem casada” diz que após 1960,

trazido pelo cinema e continuado pela televisão e pelos meios de comunicação e propaganda, surgiu um novo tipo de mulher; a mulher segura de si, independente financeira e emocionalmente, capaz de tomar decisões com firmeza. Esta mulher-modelo era, além de tudo, sempre alta, esguia, bonita, bem cuidada, bem vestida. E jovem.²²

Assim, as mulheres, tanto as donas-de-casa como aquelas que já haviam saído do domínio exclusivo privado, podiam, agora, encontrar nas telas mulheres com quem se pareciam ou gostariam de se parecer. Em *Sex and the City*, essas mulheres não eram apenas independentes e libertas, elas eram bem sucedidas, independentes, lindas, desejadas, bebiam e falavam sobre sexo com naturalidade e podiam escolher os homens com que se relacionariam e quando e como se relacionariam. As mulheres do seriado não eram emancipadas por um homem, mas tinham elas mesmas emancipado a si próprias, haviam se tornado sujeito, com novos papéis sociais e eram elas que faziam as próprias escolhas e tomavam decisões.

Como vemos no artigo de Mendonça e Piemonte, as personagens trazidas no seriado, Carrie, Samantha, Charlotte e Miranda, eram uma nova perspectiva, uma nova referência sobre a mulher, não retratavam a mulher exclusivamente doméstica, que

²² MORGADO, Belkis. *A solidão da mulher bem-casada*. 2 Ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1986. P 25

cuidava da casa, dos filhos e do marido, mas sim, mulheres que correm atrás dos próprios sonhos, que pagam as próprias contas, que conduzem a vida da forma como querem, assim mostram outras faces da mulher que por tanto tempo foi reprimida e obrigadas a se esconder na esfera familiar.

Mas, talvez a grande identificação, é que apesar da independência vivida pelas personagens, elas estão, de alguma forma, em busca do amor. Para Carrie e Charlotte, o ideal do amor não foi esquecido, elas desejam a presença de um homem, e mesmo que Samantha e Miranda não acreditem na ideia do amor romântico e acreditam não precisar do mesmo para serem felizes, elas também se envolvem em relacionamentos românticos, não estão imunes ao amor, mas principalmente, elas possuem uma relação de amor com elas próprias e com os sonhos, desejos, metas e aspirações pessoais, elas possuem identidade individual. O seriado está tratando em todo o tempo de questões pertinentes ao universo de uma nova mulher, suas angústias, aspirações, dilemas, medos e dúvidas, e faz tudo isso de uma forma engraçada e cheia de glamour, tornando assim, até as angústias algo interessante de ser vivido.

É possível olharmos para as personagens e nos identificarmos hora com Carrie, hora com Samantha, bem como com Charlotte e Miranda, e quando não nos identificamos com elas, é possível pensarmos em alguma mulher que conhecemos que se reconheceria na cena, na fala, na atitude de determinada personagem. Por isso, talvez, seja tão interessante esperar pelo novo episódio, para descobrirmos com as personagens vão lidar com uma determinada situação e para se ver ou ver a mulher que desejaria ser sendo representada na tela.

Com isso, vemos que a televisão e o cinema, estavam abordando assuntos até então tratados como tabus, como a mulher como sujeito, independente e capaz, e falavam sobre o prazer sexual da mulher, logo, os meios de comunicação estavam levando para dentro da casa das mulheres - que passavam o dia fazendo as tarefas do lar - uma nova forma de ser e pensar a mulher. Nos é claro que as transformações já estavam acontecendo, mas agora elas também estavam nas telas, sendo representadas de uma forma totalmente nova, e provavelmente desejosa, e mais ainda, haviam alcançado os lares, estavam dentro do domínio privado.

Capítulo II:

As transformações do modelo feminino - A mulher na história

As mulheres foram muito reprimidas nos séculos passados, e de certa forma, continuam a ser, mas vem buscando liberdade e independência para se afirmarem como sujeitos, e aos poucos estão conquistando novos espaços. Mulheres sem identidade individual, uma vez que esta era definida pelo seu pai, depois pelo seu marido; mulheres sem oportunidades na política e na economia; mulheres humilhadas e escravizadas; mulheres vistas apenas no nível privado/doméstico, como donas de casa, esposas, mães, mulheres sem desejos sexuais, servindo apenas para procriação ou para dar prazer ao homem. É possível perceber estes traços de inferiorização e marcas de lutas na história da mulher.

Neste capítulo procuramos abordar as questões em torno do mundo feminino, tanto na história quanto no seriado, buscando traçar os perfis de cada uma das personagens principais do seriado *Sex and the City* – tanto os perfis individuais como a forma a qual cada uma se relaciona com o amor e com os compromissos –, para assim partirmos para uma reflexão mais aprofundada sobre a nova mulher que surge na segunda metade do século XX e como esta se relaciona com o amor, o sexo, o casamento e a independência. Para isso, além de traçarmos os perfis das personagens, nos dedicamos na análise de alguns episódios que foram fundamentais na construção destes perfis, para assim, compreendermos melhor as mulheres para as quais estamos olhando.

Observar como a mulher trazida pelo seriado *Sex and the City* se relaciona com a mulher que estava nascendo naquele momento e quais transformações são possíveis de serem vistas no seriado e na história.

Assim, neste momento abordaremos com mais ênfase a história da mulher, mostrando as transformações do período ao qual temos nos preocupado, a partir de 1960.²³

²³ Sabe-se que a luta da mulher não iniciou no século XX, certamente, esta é uma luta de longos anos - Regina Lins e Flavia Braga, mostram que a luta feminina pode ser pensada desde o século XVIII na França -, mas, o século XX, em especial a partir da sua segunda metade, é marcado pelas reivindicações da mulher com esforço universal, e podemos ver as marcas dessa luta até nossos dias, uma vez que ainda não foram conquistados todos os direitos pelos quais as mulheres tem lutado.

Neste capítulo falaremos da revolução sexual, mostrando como esta vem a se colocar como uma das possibilidades da mulher se afirmar na sociedade, tirando o poder emancipatório das mãos dos homens, e permitindo que a mulher se afirme na sociedade como indivíduo, cidadã e profissional, mostrando assim, as transformações no modelo feminino tradicional. Levantamos, assim, os pontos positivos e as angústias da liberação sexual, visualizando essas questões na esfera pública e privada e aprofundando as questões acerca do seriado.

Para tanto, nos deslocaremos para voltar em séculos anteriores ao qual estamos nos debruçando, para buscar com isso compreender com mais profundidade os caminhos percorridos pelas mulheres, conhecermos suas conquistas e talvez vislumbrarmos o futuro.

Mary Del Priore, nos mostra que entre os séculos XVI e XVIII tem-se uma noção bastante diferente da que temos atualmente acerca da privacidade, uma vez que a ideia de coletivo estava sobreposta ao da individualidade. Assim, o sexo, a nudez, e o erótico eram regulados por regras do grupo ao qual se fazia parte. Logo, demorou-se para que a ideia de privado se descentralizasse da ideia do coletivo para passar ao entendimento do pessoal, ou seja, o privado com individual, íntimo.

Além disso, é necessário considerarmos que a privacidade também tinha relação com as classes, ou seja, as classes populares eram privadas de tal intimidade, uma vez que dividiam cômodos com muitos membros da família. Assim, não apenas a privacidade, mas a forma de constituir relacionamentos também eram diferentes nas diferentes classes, como mostra Mary Del Priore, “a família patriarcal era o padrão dominante entre as elites agrárias, enquanto, nas camadas populares rurais e urbanas, os concubinatos, uniões informais e não legalizadas e os filhos ilegítimos eram a marca registrada”²⁴. Havia também a catequese que ensinava os princípios cristãos a todos, com regras sobre o casamento, inclusive sobre as relações sexuais, as quais não poderiam estar despidos – Del Priore mostra que a nudez durante a relação sexual só começa a ser praticada por volta do século XX, porque antes estava associada ao bordel -, havia posições certas para a prática sexual e o que fosse diferente era escandaloso, o sexo que não tinha a procriação como finalidade também era condenado, envolvendo assim todos os atos que provocassem a excitação, bem como as preliminares sexuais,

²⁴ DEL PRIORE, Mary. *Histórias Íntimas – sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta Brasil, 2011. P. 62

até mesmo, os beijos. Logo, aqueles que seguiam a religião sofriam no quesito vida sexual, uma vez que tudo era proibido e obscuro, ou ainda, pecaminoso.

A Igreja regulava todo o processo, desde o namoro até o casamento. Sobre isso Mary Del Priore, diz que:

Um gesto miúdo de afeto, como o beijo, era controlado por sua “deleitação natural e sensitiva”, sendo considerado “pecado grave porque é tao indecente e perigoso”. Além de evitar beijos - os temidos “ósculos” -, devia-se estar em guarda contra as sutilezas das menores expressões de interesse sexual que não conduzissem ao que era chamado de “coito ordenado para a geração.”²⁵

Percebemos assim que havia uma exacerbada preocupação em torno dos relacionamentos, e certa apatia em relação ao prazer, uma vez que até mesmo o amor estava dissociado do ato sexual, com mulheres sendo vendidas e o casamento como um contrato familiar, muitas vezes orientado por interesses econômicos, no qual as partes envolvidas talvez nem se conhecessem até o momento do casamento.

Michelle Perrot, mostra que as mulheres não eram, nem mesmo, donas do próprio corpo, uma vez que antes do casamento este pertencia ao pai, e quando se casava, pertencia ao marido, e depois aos filhos, sobre isso diz que, “o corpo das mulheres não lhes pertence. Na família, ele pertence a seu marido que deve “possuí-lo” com sua potência viril. Mais tarde, a seus filhos, que as absorvem inteiramente. Na sociedade, ele pertence ao Senhor.”.²⁶

O cristianismo estava implícito em tudo, e a ideia do prazer ser um pecado vinha dessa raiz. Ironicamente, foi no ambiente da igreja que muitos namoros e romances começaram, já que era um local onde os jovens podiam frequentar e não levantar suspeitas.

Marc Ferro, em seu livro “Os tabus da História”, nos mostra que os tabus tendem a incidir sobre a origem das instituições que possuem e exercem alguma autoridade sobre a sociedade, e que esses tabus podem estar de acordo ou não com a sociedade. Com isso, apresenta que um dos tabus mais antigo e mais durável tem relação com o cristianismo, em que o papa tem autoridade incontestável, assim como negar a fé. Como o autor mostra,

desde essa data [1436], denunciar a ilegitimidade dos poderes atribuídos aos papas é tabu, e o povo não sabe disso; a historiografia laica, ela própria só evoca esses fatos furtivamente, por ocasião de progressos feitos pelo

²⁵ DEL PRIORE, Mary. *Histórias Íntimas – sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta Brasil, 2011. P.44

²⁶ PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005. P. 447

conhecimento, e da crítica dos textos, na época do Humanismo e do Renascimento.²⁷

Assim, vemos o quanto a Igreja direcionou não apenas os comportamentos sociais, como também na esfera da vida privada, fazendo com que aquilo que fosse direcionado pelo papa – ou seja, pela própria Igreja, visto que o papa era o representante desta – não deveria ser questionado, portanto não deveria ser conversado nem mesmo pensado.

Com tantos pudores e regularização em torno da prática sexual, a ideia de prazer sexual vem através dos prostíbulos, onde as mulheres introduziam os homens nas praticas eróticas, as quais eles não poderiam praticar com a própria esposa, uma vez que sua esposa deveria ser considerada uma mulher de princípios e pura, e estas por sua vez não deveriam saber nada sobre sexo, pois este era impuro e o casamento deveria ser limpo.

Vemos em Mary Del Priore²⁸ que no século XVI a Igreja se preocupava com o casamento como sacramento (considerado assim desde o século XII), por tanto, a Igreja se preocupa em tratá-lo como algo limpo, por isso não podia ter sentido erótico ou sexual, pois estes poderiam manchar e sujar o casamento, este, também, deveria ser higiênico. Ou seja, essa falta de relacionamento e prática sexual dentro do casamento se coloca como um dos motivos que fizeram com que os homens vivessem relacionamentos extraconjugais, e fossem a procura dos bordéis, que era onde poderiam encontrar satisfação sexual, e assim, mantinham as esposas apenas para os momentos que desejassem procriar.

Friedrich Engels nos fala sobre a formação da família desde os primórdios, com relato pré-históricos, em seu livro “A origem da família, da propriedade privada e do estado”, no qual afirma que não é possível falar sobre história da família até início da década de 1860. É possível vermos na história diferentes formas de constituição familiar nas diversas sociedades, como por exemplo as relações poligâmicas, poliândricas, e mesmo monogâmicas, pode-se ver também o casamento grupal, ou seja, a poligamia e a poliandria sendo praticadas concomitantemente. Sendo assim, a descendência só se

²⁷ FERRO, Marc. Os tabus da história. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. Pp. 25-26

²⁸ DEL PRIORE, Mary. Palestra: *O casamento entre amor e sexo – o cuidado é feminino*. Café Filosófico. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PvmTr20dSXE> Acesso em: 20 de agosto de 2015.

torna possível de ser contada por linha materna, logo, a mulher tinha isto como vantagem.

Vemos nos estudos de Engels, a religião também com uma face importante e determinante para as mudanças e determinações de práticas sociais,

a passagem do “heterismo” para a monogamia e do direito materno para o paterno se processa, segundo ele, particularmente entre os gregos, em consequência de um ulterior desenvolvimento das concepções religiosas, da introdução de novas divindades que representavam ideias novas no mundo dos desuses tradicionais, representantes das ideias antigas. (...) Dessa maneira, não foi o desenvolvimento das condições reais de vida dos homens, mas o reflexo religioso dessas condições na cabeça deles que, segundo Bachofen, determinou as transformações históricas na situação social recíproca do homem e da mulher.²⁹

Engels se propõe a falar sobre alguns tipos de família, e chega até as famílias monogâmicas, após nos apresentar pontos relevantes para o estudo e o entendimento da mesma, encerra o capítulo com uma reflexão que se torna muito importante para o que nos propomos a pensar.

A única resposta que pode ser dada é que a família terá que progredir na medida em que a sociedade progride, que terá de mudar na medida em que a sociedade se modifica, exatamente como aconteceu no passado. A família é produto do sistema social e refletirá sua cultura. Como a família monogâmica se aperfeiçoou consideravelmente desde o começo da civilização e, de maneira realmente notável nos tempos modernos, é lícito pelo menos supor que seja capaz de continuar seu aperfeiçoamento até que a igualdade entre os dois sexos seja atingida. Se num futuro distante, a família monogâmica não mais atender às exigências sociais, é impossível dizer a natureza da família que irá sucedê-la.³⁰

Nesta afirmação, Engels levanta pontos bastante importantes para a nossa reflexão. Primeiro, o autor nos mostra que a família progride e/ou se modifica de acordo com os progressos sociais, refletindo assim, a cultura na qual está inserida. Engels também diz que provavelmente a família monogâmica se aperfeiçoará até que houvesse igualdade entre os sexos e que após isso, talvez essa família não se enquadrasse mais no que a sociedade exigia, podendo, então, se transformar novamente.

Bem, diante do analisado, é possível entendermos que a igualdade dos sexos ainda não foi atingida, contudo, é impossível desconsiderarmos que alguns avanços importantes já foram conquistados e que de fato o papel da mulher tem se transformado,

²⁹ ENGELS, Friedrich. A origem da família, da propriedade privada e do Estado. São Paulo: Escala Educacional, 2009. P.17

³⁰ ENGELS, Friedrich. A origem da família, da propriedade privada e do Estado. São Paulo: Escala Educacional, 2009. P.81

com isso, não podemos ignorar que as relações amorosas, o casamento e família são alcançadas por essas mudanças.

Assim, não apenas a monogamia, mas também a heterossexualidade estão em pauta tanto em conversas informais quanto nas decisões dos órgãos de justiça e política em diferentes países e culturas, o que nos permite fazer alguns apontamentos quanto ao futuro.

Certamente que a Revolução Sexual foi um dos fenômenos mais importantes do século XX, trazendo em si a possibilidade de pensar e viver uma liberdade sexual, e assim eliminar ou ao menos diminuir a repressão e a opressão sexual e os tabus que se apresentam em torno deste tema.

Em 1960 tem-se a movimento conhecido como “contracultura”, um movimento que buscava fazer contestações de práticas sociais que gerassem transformações de mentalidade, culturais e comportamentais, ficou conhecido pelo interesse em sexo, drogas e rock and roll, e pela busca dos seus participantes pela liberação sexual, e seu slogan era “make love, not war”³¹. Regina Navarro Lins e Flávio Braga, na obra “O livro de ouro do sexo”, diz que

a geração da contracultura foi a primeira a colocar em questão a tradição do amor romântico, passivamente aceita por todas as gerações anteriores. A descoberta da possibilidade de se amar várias pessoas ao mesmo tempo e ter uma vida afetiva mais rica, mais diversificada, foi a grande revelação. Todo mundo podia transar com todo mundo.³²

O movimento da contracultura buscava andar fora do sistema, trazendo questionamentos de práticas consagradas na vida social que geravam repressão e opressão, como a idealização do amor romântico, o estilo das famílias e dos casamentos, assim como as formas de práticas sexuais, havia uma busca pela satisfação sexual, que antes era reprimida.

Os autores nos mostram que a repressão sexual muitas vezes causavam transtornos psíquicos, e que a liberação sexual foi importante até mesmo para a saúde psíquica.

Vê-se que os movimentos a partir de 1960 colocavam em dúvida a forma de vida a qual haviam vivido até então e como mostrado pelos autores, um dos pontos de questionamento da contracultura foi o amor romântico, uma vez que este movimento

³¹ Tradução pelo autor: “faça amor, não guerra”

³² BRAGA, Flávio e LINS, Regina Navarro. *O livro de ouro do sexo*. 1 ed. São Paulo: Ediouro, 2005. P. 254

acreditava na possibilidade de amar várias pessoas ao mesmo tempo, valorizando o sexo e o prazer sexual e não aspirando histórias de amor.

Claramente que movimentos como a contracultura e a liberação sexual foram favorecidos pelos avanços tecnológicos, como a invenção da pílula anticoncepcional, uma vez que a gravidez também era um dos medos da prática sexual, e neste momento ainda não havia aparecido a AIDS, que só surge na década de 1980, trazendo o crescimento da indústria de preservativos e a masturbação como uma forma mais segura de prazer, o que permite o crescimento do mercado pornográfico, seja no cinema ou em revistas.

Em uma sociedade cheia de tabus, repressões e medos, com certeza o movimento da contracultura e da revolução sexual causava incomodo e críticas vindas da população conservadora e cristã que ainda tinha em suas concepções a ideia separada de funções da mulher e funções do homem, ou seja, “a esposa reproduzia, a concubina oferecia prazer e companhia, e a prostituta vendia o corpo” e ainda, “a mulher frágil e dependente do marido é o modelo. O homem caseiro e dedicado à família é o esposo ideal. A mulher cuida dos filhos, é submissa e religiosa”³³. Assim, há uma ideia de que mesmo quando a mulher e o homem conquistam espaços iguais e a sociedade a qual fazem parte os percebe de forma mais igual, a mulher nunca pode deixar ter as funções públicas, como o trabalho, como características mais fortes do que as funções do lar, as responsabilidades da mulher doméstica. Sobre isso, Michelle Perrot diz:

atualmente, ainda mais do que outrora, as “profissões de mulheres”, aquelas que se afirma serem “boas para uma mulher”, obedecem a certo número de critérios que também determinam limites. Consideradas como pouco monopolizadoras, elas devem permitir que uma mulher realize bem a sua tarefa profissional (menor) e doméstica (primordial). A feminização do ensino secundário repousa sobre esta ideia de um meio período consagrado ao estudo pelos clérigos, equivalente ao tempo dedicado pela mulher à família. A tal ponto que quando uma professora obtém um verdadeiro “meio período”, ela tem dificuldades para dedica-lo a seus objetivos próprios (Marlaine Cacouault)³⁴

Diante da separação das funções do homem e da mulher, se torna possível pensarmos na ideia de uma mulher que deve ser apenas para um homem (mantendo inclusive a sua virgindade), e em um homem que pode - ou deve - possuir diversos relacionamentos e este é aceito na esfera social, sendo ainda, por vezes, exaltado. No entanto, o contrário não seria aceito.

³³ BRAGA, Flávio e LINS, Regina Navarro. *O livro de ouro do sexo*. 1 ed. São Paulo: Ediouro. 2005. Pp. 268 e 274

³⁴ PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005. P. 252

Regina Lins, na obra “O livro do amor” mostra que até mesmo

a reverência à mulher como anjo da casa, a rainha do lar, não passava de um pretexto para a sua subjugação. Anteriormente, uma das razões mais poderosas para conservar a mulher subordinada era a de que ela tinha grande importância nas atividades domésticas. Com a industrialização, e a possibilidade de contratar empregados, essa razão perdeu a força. Um novo pretexto era necessário. Surgiu então o da incapacidade feminina de se amparar, o que se tornou um ideal social.³⁵

Assim, vemos que o ato de exaltar as funções da mulher na esfera privada, se mostrava como uma estratégia para que fosse possível mantê-las. E, mesmo quando se tornou possível a contratação de empregados, as mulheres de classe média continuaram presas nos lares, cuidando dos filhos, e praticando outras tarefas que não eram tão importantes nem interessantes, como tocar piano, ler, pintar.

A mulher no seriado

No entanto, pensando no nosso objeto de pesquisa, o seriado *Sex and the City*, ao traçar os perfis das personagens femininas e observarmos a forma como elas se relacionam com os homens, é possível, pensarmos as diferenças entre essa mulher tradicional e a nova mulher que nasce após 1960, e a partir de tal, refletir acerca da igualdade de gêneros, sobre o futuro das relações amorosas, bem como sobre as transformações do universo feminino na sociedade.

Sabe-se que para trabalhar com um seriado tão extenso e com tantas informações interessantes como o *Sex and the City*, será necessário delimitarmos nossa análise e termos um foco. Pensamos em levantar temas e dentro destes tratar o seriado, ou buscarmos alguns capítulos e analisá-los, contudo, parecia que não alcançávamos alguns pontos tão ricos que são desenvolvidos na série, bem como não alcançava nosso objetivo que era perceber como as personagens, Carrie, Samantha, Charlotte e Miranda se relacionavam com as transformações femininas da segunda metade do século XX. Por tanto, analisamos os perfis das personagens principais, buscando observar suas características individuais, assim como a forma como se relacionam com os temas do amor, do sexo, da família e da independência –, com certeza, analisamos alguns episódios diferentes, que nos dão elementos para pensarmos as personagens, olharemos para alguns dos relacionamentos vividos por elas, com a intenção de que a partir do perfil de

³⁵ LINS, Regina Navarro. *O livro do amor*, volume 2. 3. Ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2013. P.118

cada personagem, possamos mostrar como estas percebem os quatro pontos sobre os quais estamos nos atentando. Ou seja, traçamos os perfis, os tipos das quatro personagens centrais, e analisamos quatro episódios (dois episódios estão apresentados neste capítulo, e os outros dois episódios no capítulo seguinte) para que pudéssemos pensar os perfis de Carrie, Samantha, Charlotte e Miranda. Vejamos, então, o perfil das quatro personagens do seriado.

Carrie Bradshaw, interpretada por Sarah Jessica Parker, recebe uma atenção diferente das suas amigas, uma vez que além de uma das personagens centrais da série, ela também é a narradora, sendo que é a partir dos questionamentos/reflexões levantados por ela que cada episódio se desenvolve. Carrie mora em Nova Iorque – o que, com certeza, é uma das suas maiores alegrias e orgulho, já que a cidade de Nova Iorque parece ter tudo a ver com ela –, é colunista no jornal *The New York Star* (jornal fictício) e escreve sobre histórias de amor, sobre as dificuldades da vida da mulher solteira que vive em Manhattan e reflete sobre questões pertinentes ao mundo da “nova mulher”, sendo que suas histórias são, geralmente, baseadas na história de suas amigas ou nas conversas entre elas. As histórias sobre as quais Bradshaw escreve são em gerais complicadas e recheadas de questionamentos, os quais nem sempre possuem uma única resposta e nem sempre são respondidos completamente nos episódios, permitindo que o telespectador reflita e chegue às suas próprias conclusões. É interessante que enquanto escritora ela parece saber muito sobre relacionamentos, sendo capaz de dar “dicas” sobre os relacionamentos e comportamentos, mas quando se trata da sua vida pessoal, essas questões nem sempre são resolvidas, dando a impressão de que a personagem transita entre o ideal de amor romântico e a mente da nova mulher.³⁶ Carrie é apaixonada por moda, principalmente por sapatos do Jimmy Choo e do Manolo Blahnik, e gasta grande parte do seu dinheiro com essas aquisições, nem sempre precisa de um motivo para fazer compras, mas quando está triste, sabe que esta é a melhor forma de curar suas angústias.

Carrie demonstra vontade de estar com uma única pessoa e, em alguns momentos, até mesmo, vontade de se casar. Durante a série terá alguns relacionamentos duradouros, chegando a morar com o seu namorado Aidan (John Corbett), quem a pede

³⁶ Michel Euclides Bruschi, na sua tese de doutorado “As narrativas das gotas d’água pós-modernas: Sex and the City e o fantasma do amor romântico”, fala-nos sobre duas Carries, a Carrie Princesa, que acredita no amor romântico, e deseja encontrar o homem ideal e viver uma história de amor; e a Carrie Cronista, que escreve sobre as histórias de amor da cidade de Nova Iorque, reflete sobre esses amores e tem questionamentos quanto ao amor romântico

em casamento, mas ela não aceita porque estava cheia de inseguranças. Apesar dos seus vários romances, Carrie sempre volta para Mr. Big (ou John James Preston, interpretado por Chris Noth) o seu grande amor. Mr. Big e Carrie se conheceram nos episódios iniciais da série, logo após a experiência de Carrie em fazer sexo como homem – ou seja, sem envolvimento emocional, até este momento, apesar das suas diversas experiências sexuais, Carrie acabava se envolvendo emocionalmente e por vezes, se machucando, então, decidiu fazer o teste com um cara que já havia partido seu coração, e aparentemente, havia dado certo –, ela havia acabado de sair do apartamento quando esbarrou com Big na rua, e sua bolsa caiu espalhando todas suas coisas, inclusive um “arsenal de preservativos”, então a partir daquele momento, ele já sabia que ela tinha preservativos na bolsa, e ela já havia notado que além de charmoso, ele não usava aliança. Mr. Big não era o príncipe no cavalo branco, mas o consideramos como o equivalente para a cidade de Nova Iorque do final do século XX, com sua limusine com motorista. Big parecia ser o ideal de homem que Carrie procurava. O problema em relação aos homens que Carrie namorou nem sempre parece estar centrado neles, mas, muitas vezes nela mesma, já que mesmo quando encontra homens ideais, Carrie se vê rodeada por dúvidas, medos, e dificuldades em estar em um relacionamento que exija dela renúncia em alguns momentos. Muitas vezes, se parece com uma criança mimada esperando que seus pais vivam em função dos seus desejos.

Charlotte York, interpretada por Kristin Davis, com certeza é a mais doce e romântica das amigas, acreditando no amor acima de todas as coisas. Charlotte é amante da arte como profissão e hobby, vem de uma família com boas condições financeiras e durante toda a série acredita no amor romântico como o amor verdadeiro, capaz de transpor as barreiras e vencer todas as dificuldades. A senhorita York valoriza mais as emoções do que o prazer – no decorrer do seriado. Charlotte se mostrou capaz de esperar um homem se recuperar de uma cirurgia de circuncisão, assim como era capaz de tentar ajudar um homem caso ele apresentasse problemas de impotência, da mesma forma que foi capaz de se converter ao judaísmo para se casar com Harry, porque todas essas atitudes eram em nome do amor. Para suas amigas, ela era conservadora e tradicionalista, e em alguns momentos, até mesmo “iludida” com uma ideia de amor romântico³⁷ que parecia não mais existir na Nova Iorque do final do século XX. Apesar

³⁷ A senhorita York acreditava que o amor verdadeiro era capaz de ir além, de renunciar, e que quando o apaixonado abria mão de algo muito importante ou não se importava com questões também relevantes, e

de sua busca por relacionamentos duradouros e homens ideais que pareciam nunca chegar, Charlotte se relacionava com diversos homens, mas de forma diferente das suas amigas: ela não transava no primeiro encontro; não fazia sexo se não houvesse envolvimento emocional; não fazia todo tipo de concessão na prática sexual, porque acreditava que perderia o seu valor de “mulher para casar”; assim, nas relações de Charlotte, o sexo não estava em primeiro plano, mas era importante (uma vez que quando a personagem se viu em um relacionamento onde não havia sexo, esta percebeu que a prática sexual era importante para ela). Charlotte se casou com Trey (Kyle MacLachlan) que parecia o homem ideal para ela, vinha de boa família, era adorável, e também queria se casar. Durante o casamento, Charlotte descobre seu problema de infertilidade, que fora a grande frustração da personagem, uma vez que esta sonhava com a família perfeita (pai, mãe e filhos), e não conseguia pensar na possibilidade de adotar, além disso, Trey apresentou um problema de impotência sexual o qual, primeiramente, Charlotte fez tudo que estava a seu alcance para resolver a situação, mas, ao descobrir que Trey era capaz de se masturbar, ela se sente mal, como se o problema fosse com ela, e diante desses problemas conjugais os quais eles não conseguiram resolver, a “princesinha” enfrenta o divórcio – o divórcio pode, aqui ser visto como a quebra da idealização de Charlotte, ela que tanto acreditava no amor como uma força inquebrável, estava enfrentando a separação. No processo de divórcio conta com os serviços advocatícios de Harry Goldenblatt (Evan Handler), um homem que não fazia seu perfil, estava um pouco acima do peso e era careca, e a priori não havia chamado sua atenção, mas por quem se apaixonou e com quem se casou após o divórcio, sendo capaz de se tornar judia, pois acreditava que era uma escolha por amor. Apesar de enfrentarem algumas dificuldades, o casal consegue enfrentá-las de outro jeito, Charlotte aceita a ideia da adoção, e após algum tempo, engravida.

Há um fato bastante curioso sobre Charlotte, apesar de para muitos ela ser a personagem menos emancipada das amigas, era capaz de, as vezes, surpreender as amigas com algumas declarações. Para isto, vamos analisar o episódio sete da quarta temporada de *Sex and the City*, intitulado de “Tempo e Castigo”, com roteiro de Jessica Bendinger e direção de Michael Engler. Este episódio se desenvolve em torno da pergunta: “Pode se perdoar sem esquecer?”.

fazia por amor, então era o ideal do amor romântico sendo realizado, por isso, ela mesma era capaz de renunciar ou esperar, em nome do amor

O episódio começa com Carrie e Aidan na cama, após eles terem separado porque Carrie o havia traído com Mr. Big. Porém, ela tinha percebido que o amava e queria reatar, e no episódio anterior tinha ido atrás de Aidan.

Aidan e Carrie estavam juntos e nem parecia que haviam separado, estavam na cama transando, quando Big liga, deixando uma mensagem na caixa de mensagem do telefone para dizer que estava na cidade. Ambos tentaram ignorar, e continuaram.

Na cena seguinte, as quatro amigas estavam juntas, e Carrie conta o que aconteceu, e todas concordam que realmente foi algo muito ruim. Carrie diz que Aidan dormiu do outro lado da cama, e não grudadinho, como costumava.

Charlotte pergunta se pode mudar de assunto, e diz que esta pensando em parar de trabalhar. Samantha pergunta se ela recebeu uma oferta melhor, mas ela diz que está pensando em realmente parar de trabalhar, porque está se casando com Trey e gostaria de fazer outras coisas. As amigas parecem reprimí-la, e perguntam o que ela pretende fazer, então ela diz que em breve ficara grávida, que ela e Trey estão redecorando o apartamento, e que quer fazer curso de culinária, pintar bacias de cerâmica e ser voluntária no hospital que Trey trabalha ajudando a levantar fundos para os pacientes pediátricos de AIDS. Apesar do não apoio das amigas, Charlotte diz que irá parar de trabalhar.

Na próxima cena: Carrie está em seu apartamento escrevendo no computador, e fica pensando se é possível perdoar mesmo sem esquecer, e se algum casal já conseguiu esquecer os erros do outro, estava pensando em sua própria relação com Aidan. Na próxima noite em que dorme com Aidan, ele dorme ainda mais afastado e recusa a beijá-la de manhã antes de sair para a academia.

Na manhã após a conversa com as amigas, Charlotte liga para Miranda brigando com ela por tê-la julgado no momento que devia tê-la apoiado. Então, Charlotte diz que “o movimento feminista fala de escolhas, e se eu quiser parar de trabalhar, essa é a minha escolha. (...) Eu escolho a minha escolha.”.³⁸ - A fala de Charlotte: “eu escolho a minha escolha”, se tornou bordão nos Estados Unidos.

Logo após o telefonema de Charlotte, Miranda torce o pescoço, e liga pra Carrie pedindo ajuda, mas ela não pode ir porque tem uma reunião, nesse momento Carrie está

³⁸ A tradução feita pela autora, o original do inglês, conforme falado no seriado, é: “The women’s movement is supposed to be about choice. And IF I choose to quit my job, that is my choice. (...) I choose my choice.”.

tentando descobrir o que há de errado com Aidan, mas ele se propõe a ir ajudar Miranda já que ela não poderia ir.

Na cena em que Charlotte está contratando uma substituta para a galeria, vemos que ela tinha consciência que não apenas suas amigas, mas outras mulheres poderiam reprimi-la, e durante as entrevistas com as candidatas a substituí-la na galeria de arte que trabalhava, ao ser perguntada por que estava deixando o trabalho, a personagem respondeu que havia se casado, estava planejando engravidar e se ocuparia com trabalho voluntário ajudando a conseguir recursos para o hospital pediátrico de AIDS. Mas, a verdade é que ela queria ser esposa e mãe integralmente, e as vezes se ocuparia com tigelas de vidro.

Carrie vai ao bar para surpreender Aidan, em forma de agradecimento por ter ajudado Miranda, ele supostamente estaria com os amigos, mas quando Carrie chega ele está sozinho, alguns minutos depois chega uma mulher com quem parece que ele estava brincando, se divertindo, e Carrie pergunta o que está acontecendo, ele não responde e combinam de se encontrar mais tarde na casa de Carrie, mas ele não foi.

No outro dia, pela manhã, Carrie visita Miranda, que briga com ela porque não foi ajudá-la e mandou Aidan. Depois ficou falando sobre seu problema com Aidan.

Carrie decide levar o cachorro de Aidan pra passear, para tentar ser uma boa namorada, mas o cachorro estava com diarreia e, por isso, logo o leva embora. Quando chega ao trabalho de Aidan, ele está conversando com a menina do bar novamente e ela fica muito brava, eles brigam e ela vai embora. Aidan vai até a casa de Carrie, e ela diz que ele precisa parar de puni-la, que sabe que ele não irá esquecer o que ela fez, mas que precisa perdoá-la e que não há nada acontecendo entre ela e Big, e que ela não o trairia novamente. Depois disso, o relacionamento deles não voltou a ser o que era, mas estava em um novo lugar, mais honesto.

Na fala de Charlotte podemos ver uma mulher com consciência da nova mulher, ela sabia que suas amigas e outras mulheres a reprimiriam, mas, esta era a sua vontade, se tornar uma mulher que só trabalhou até se casar. Charlotte podia se imaginar em um papel extremamente tradicional, de uma mulher que logo após o casamento se torna mãe, que cuida da casa, passa os dias ajudando instituições de caridade e está sempre disponível para o marido, os filhos e a família, mas a personagem apresenta uma diferença interessante para nos atentarmos, a condição a qual Charlotte estava se submetendo, parecia fazer parte das suas escolhas, ela estava consciente daquilo que estava deixando para trás e para onde estava caminhando.

Diferentemente de Charlotte, senão o oposto, tem-se **Samantha Jones**, interpretada por Kim Cattrall. Podemos considerá-la a mais divertida e interessante das quatro amigas, uma vez que parece ter se emancipado totalmente do ideal do amor romântico, ela não precisava de ninguém para torná-la mulher, ou salvá-la. Apesar de ser a mais velha entre as amigas, Samantha busca esconder esse fato por muito tempo, já que se achava aparentemente mais jovem do que sua verdadeira idade apresentava. Diferentemente das outras personagens, ela não busca nem idealiza o amor romântico, sua busca é por uma vida sexual ativa e cada vez mais satisfatória com experiências novas e diferentes, não pretende se comprometer, aliás, qualquer mínima chance de um relacionamento estar ficando sério é um motivo para ela simplesmente desaparecer (mesmo que isso tenha acontecido algumas vezes no decorrer da série, mas se tratando de Samantha, eram exceções). Samantha é linda, loira, tem um corpo maravilhoso e sensual, é relações públicas, assim sempre organiza eventos e estes se tornam um bom ambiente para conhecer novos homens. Ela quer aproveitar a vida da forma que lhe parece mais divertida, prazerosa e conveniente, assim, aproveita sua vida experimentando técnicas de sedução com diversos homens, não se importando com a idade, desde que seja um “bom partido” nos seus padrões – mas sempre era possível fazer concessões, fosse quanto a idade ou quanto as práticas sexuais. Apesar de suas ideias liberais sobre os relacionamentos e de não sentir necessidade de compromissos sérios, durante a série Samantha tem dois relacionamentos que a envolvem por um tempo mais longo que apenas uma noite, com Richard Wright e Smith Jerrod (Jerry). No entanto, no final da série a personagem descobre um câncer que acaba por mudar bastante sua visão sobre a importância de ter alguém, uma vez que Jerry permanece ao seu lado, lhe dando apoio. Assim, ela começa a deixar seus sentimentos se mostrarem mais, sua sensibilidade se revelar, deixa um pouco o medo do amor e deseja um relacionamento firme e duradouro.

Tem-se ainda **Miranda Hobbes**, interpretada por Cynthia Nixon, é certamente a mais racional das amigas e cínica em relação ao amor, formada em Direito pelo Universidade de Harvard, extremamente focada no seu trabalho, parece ter tudo planejado e sob controle, porém, veremos que isso mudará. Miranda é forte, e talvez pelo seu modo de vestir, pelo corte de cabelo e por sua profissão, possui uma aparência

mais masculinizada ³⁹, porém, veremos que essa é uma construção bastante estereotipada, uma vez que no decorrer da série ela acaba por quebrar alguns desses ideais construídos em torno dela, se mostrando também como mulher, mãe e esposa, dando espaço para a construção de uma imagem mais sensível. Super prática em relação ao amor, acreditando que os homens são todos iguais, Miranda também não está em busca do casamento, se envolvendo com diferentes homens durante a trama. Não apenas acredita, como tem certeza de que não precisa de um homem, e nem sempre deseja a presença de um. No entanto se envolve com Skipper, ele se apaixona por ela, porém não é recíproco. Skipper era mais jovem e meigo, apesar de Miranda gostar dele, não desejava ter um relacionamento sério. Após uma noite abandonada em um bar por sua amiga Carrie que estava na casa de Mr. Big, Miranda pede uma bebida e o barman (Steve), inicia um diálogo com a mesma, que acaba na cama. Antes de ir embora, Steve pede o número de telefone de Miranda, mas ela recusa a lhe dar, pois acredita que ele está apenas fingindo que não foi apenas sexo e que como todos os outros não ligaria no dia seguinte. No entanto, Steve volta ao apartamento dela para convidá-la para sair, Miranda coloca dificuldades, mas com a insistência de Steve, ela cede. Com o passar do tempo, Miranda e Steve se apaixonam. Eles são bastante diferentes, a começar pela classe social, perspectiva de futuro e conhecimento intelectual, ainda assim, tentam namorar, mas por vezes discutem e terminam. Miranda acaba engravidando inesperadamente de Steve, pensa até mesmo em abortar, mas minutos antes do aborto, decide ter o filho e ser mãe solteira, porém com o envolvimento de Steve, o sentimento de um pelo outro e a insistência dele, eles se casam e vão morar no Brooklyn.

Vemos que Miranda, no início da série se mostra uma mulher do tipo “durona”, que não precisa nem deseja a ajuda de um homem. No entanto, vemos que durante a série, esse perfil mudará um pouco. Para tanto, vamos analisar o primeiro episódio da terceira temporada, chamado “Onde há fumaça...”, que tem como roteirista e diretor Michael Patrick King, este se desenvolve em torno da pergunta: “As mulheres só querem ser salvas?”.

O episódio começa com uma narração dizendo que em Nova Iorque há milhões de homens solteiros, e quatro mulheres solteiras.

³⁹ Neste momento, estamos pensando apenas na questão do estereótipo: homens usam terno, cabelo curto e não mostram emoções em público; mulheres: usam saias e salto, cabelos longos e são sensíveis até mesmo na frente das pessoas.

As amigas estão em uma balsa indo para State Island para um concurso, no qual Carrie seria uma das juradas, de bombeiros para o calendário anual. Chegando lá havia vários homens seminus, se exibindo e as amigas se divertindo. Junto com Carrie na banca de jurados estava Bill Kelley, um político divorciado, que logo se aproximou.

Depois do concurso as amigas estavam curtindo a festa, enquanto Samantha foi se apresentar para o bombeiro que havia ficado a fim durante o concurso, e descobriu que ele falava demais. Depois de dançar um pouco, Carrie foi sentar, quando Bill Kelley chegou para conversar, falaram de política, zona eleitoral e ele pediu o número dela, mas ela diz que só estava ali se divertindo com as amigas. Então ele pergunta se havia sido um término ruim. Carrie fica em silêncio por muito tempo, mas não o responde. E ele a convida para jantar. Samantha, vai embora com o bombeiro. Carrie e Miranda decidem ir embora e quando vão procurar Charlotte, ela está bêbada, dançando, as amigas a levam para a balsa, e no caminho de casa Charlotte começa a falar sobre como ela é um bom partido e que encontrará o cara perfeito e se casará com ele.

Na manhã seguinte, as quatro amigas estão tomando café, Charlotte está tentando não deixar sua cabeça explodir, enquanto Samantha queria contar tudo sobre sua noite incrível e como havia realizado suas fantasias com o bombeiro. Charlotte diz que é errado dormir com alguém só para satisfazer fantasias, e Samantha responde dizendo que Charlotte fantasia um homem rico em um belo apartamento, enquanto ela fantasia um bombeiro. E então começam a falar sobre como os bombeiros são atraentes, o corpo, o carro, e parecem sempre estar salvando alguém, algo heróico. Então Charlotte fala a frase que as mulheres solteiras e trintonas e independentes não deveriam pensar nem falar: “é porque as mulheres só querem ser salvas”. Então Carrie pergunta a Charlotte se ela já havia pensado que talvez elas fossem o príncipe e deveriam salvar a si mesmas?

Na próxima cena, Carrie está no apartamento, escrevendo no computador e a narração dizendo que: “nessa noite fiquei pensando sobre contos de fadas. Se o príncipe encantado não tivesse aparecido, será que a branca de neve teria dormido para sempre em um caixão de vidro ou teria acordado, cuspidor a maçã, arrumado um emprego e um bebê no banco de esperma? Será que dentro de toda mulher forte há uma princesa frágil e delicada que só quer ser salva?”

Miranda faria uma cirurgia no olho, bastante simples, mas o médico lhe diz que quando sair do hospital estará com a visão embaçada e não conseguirá ir embora sozinha, então deve pedir que alguém a acompanhasse. A ideia de pedir que Steve a

acompanhasse era impensável, uma vez que Miranda não podia pensar na possibilidade de ser ajudada por um homem, ou, como tratado nesse episódio, ser salva por um homem.

Então, quando Steve se oferece para acompanhá-la, ela diz que não será preciso, e que qualquer coisa, pediria a Carrie para ir com ela, já que ela é sua amiga. Nesse momento, Steve parece ficar em dúvida quanto ao seu lugar na vida de Miranda e pergunta o que ele era, ao que ela responde dizendo que eles ainda não haviam decidido.

Miranda vai sozinha ao hospital para fazer a cirurgia, já que Carrie não pode acompanhá-la porque precisava entregar uma matéria e obviamente, quando o médico a libera para ir embora, não consegue, porque não podia ver o caminho. Nesse momento, Steve chega, a pedido de Carrie que não pode e acredita que a amiga precisará de ajuda, mas sabe, que ela nunca pediria ao Steve. Então, Steve leva Miranda para casa, a coloca na cama para dormir e fica ao seu lado. Quando Miranda acorda a narradora diz: “E pela primeira vez em sua vida, ela viu as coisas claramente”⁴⁰. Então a câmera mostra que Miranda estava vendo Steve, ela deita ao seu lado e segura na mão dele.

Claramente que é uma brincadeira da cirurgia para melhorar sua visão com o sentimento que nascia nela no momento que viu Steve. Pela primeira vez, também na série, Miranda lança um olhar apaixonado e permite mostrar seus sentimentos, as vezes, é possível tentar desvendar o que a personagem está sentindo, mas nesse momento descobrimos o que ela realmente sente em relação ao *barman*.

Charlotte vai a um bar com Carrie para procurar um homem que esteja nos seus padrões, gentil, doce, bonito, divertido e maravilhoso. Ela parece acreditar que achou, enquanto um homem chato a paquerava, um bonitão em quem estava de olho, Arthur, veio até ela e deu um soco no homem para que ele parasse de atrapalhá-la. Charlotte se derrete.

A cena seguinte é Carrie caminhando por Manhattan, ela está solteira, portanto, decide salvar ao menos seus tornozelos de uma vida entediante e compra novos sapato Jimmy Choo, ao chegar à porta de sua casa, Bill Kelley estava lá, e a convidou para um jantar na State Island porque ele estava ganhando em toda Nova Iorque mas, faltava lá. Ela disse que não iria, mas ele insistiu, disse que estaria na porta da casa dela às 19h, se ela fosse, ela desceria, senão ele iria embora.

⁴⁰ A tradução feita pela autora, o original do inglês, conforme falado no seriado, é: “And for the first time in her life, she saw things clearly”.

Charlotte está tomando café com Arthur, quando um rapaz esbarra na sua cadeira e ele fica bravo, socando o rapaz novamente. Ela percebeu que Arthur não queria salvar as mulheres, queria era brigar.

Na outra cena, Samantha vai até o corpo de bombeiros para encontrar o bombeiro que havia conhecido no concurso, ele a convidou para ir até lá. Mas não foi como Samantha imaginava, ao chegar, havia vários bombeiros assistindo televisão, e ela fica sentada com eles. Então, percebe que se não fizer nada, ela não terá o que quer e não poderá realizar sua fantasia, por isso, vai atrás de providenciar. Ela e o bombeiro transam, e quando ainda estão nus, o alarme de incêndio toca e todos os bombeiros vem correndo e a veem nua.

Na próxima cena, Kelley está na porta da casa de Carrie, mas ela não desce, mesmo estando arrumada, então, após telefonar para o apartamento dela e não ser atendido, ele vai embora. Carrie fica olhando pela janela. Ela liga para Miranda, e diz que está arrumada e Kelley estava esperando ela, e não entende porque não esta indo com ele. Mas, quando Miranda diz que é por causa de Big e pelo medo de se ferir novamente, ela pega a balsa e vai para State Island encontrar Kelley. Carrie está indo embora e recusa a carona de Kelley, mas antes se beijam no armário de jaquetas e blazers. Carrie vai correndo pegar a última balsa, mas a perde. Há uma brincadeira com o conto de fadas, ela perde o sapato correndo pra pegar a última balsa da noite, mas perde a balsa, e ela mesma pega seu sapato e só depois de calça-lo novamente, é que Kelley chega em seu carro e lhe da carona. E a narração diz: “ele não tinha um cavalo branco, mas tinha uma BMW com ar quente... então, às vezes, talvez as mulheres precisam ser salvas”. Kelley não sabia sair da ilha e Carrie sim, então ela o direciona. A narração diz: “e, às vezes, uma mulher tem de salvar um homem... ao menos nos contos de fadas de State Island”.

Ao analisarmos esses perfis, e olharmos para os elementos que os episódios analisados até então nos proporcionam, é importante notarmos que

estas mulheres não abrem mão da sua independência sexual e econômica, mas também não abrem mão de sonhar com o homem das suas fantasias. O fato de não precisarem de um homem não é mesmo que não quererem um homem. O problema que surge é que o perfil de uma mulher independente não se encaixa no modelo das princesas dos contos de fada.⁴¹

⁴¹ Tese (Doutorado) – Faculdade de Psicologia, PUCRS, Porto Alegre. BRUSCHI, Michel Euclides. *As narrativas das Gotas D'Água pós-moderna: Sex and the City e o fantasma do amor romântico*. Porto Alegre, 2009. P.97

Ou seja, vemos uma geração de mulheres que não abandonou o amor completamente, só não possuem este como seu fim, não o tem como necessidade, mas talvez, como desejo. Algumas possuem uma visão sobre o amor como Samantha - que acredita apenas no amor próprio e deseja dos homens apenas o prazer que podem lhe dar, não espera por um homem que a refirme; outras como Charlotte – que não apenas deseja, mas precisa de um homem, inclusive para se sentir completamente feliz e realizada; bem como Miranda - que por um longo tempo se apresenta extremamente racional quando o assunto é amor e homens, mas com o tempo, quando se apaixona, percebe ser bom ter alguém, apesar de assim como Samantha não precisar de um homem, em um momento passa a desejá-lo; e Carrie - que é muito confusa quanto aos seus sentimentos, não sente que precisa de um homem, mas demonstra que o deseja muito, acredita que não deseja se casar, mas quando o homem por quem está apaixonada (Mr. Big) diz que não pretende se casar mais, ela se vê chocada com o desejo pelo casamento.

Independente da forma como as personagens de *Sex and the City* olham o amor, elas trazem algo em comum, a consciência da nova mulher. Samantha lidava com mais tranquilidade com as questões dessa mulher, sendo capaz de estabelecer relacionamentos de uma noite só e não se machucar ou esperar ser correspondida, afinal o prazer sexual era seu objetivo, para ela o amor mais importante era o amor próprio e era uma mulher independente com uma carreira de sucesso. Miranda, se apresenta como uma mulher também emancipada, que não precisa de um homem, mas, em um momento, começa a desejar a presença deste, não abandonando sua identidade, no decorrer da série constituirá família e perceberá que também pode ser feliz como esposa e mãe, no entanto, não abandona sua carreira, mas a tira da sua prioridade. Carrie é a que mais parece sofrer, como se sua mente fosse emancipada, mas seu coração não, ao mesmo tempo em que não precisava de um homem, o desejava ardentemente, em alguns momentos parecia saber fazer sexo como os homens (sem sentimento), em outros, se mostrava como uma mulher que desejava ser salva por um homem, mas, desejava manter sua independência. Charlotte era romântica e não tinha problema em admitir isso, acreditava no amor romântico e queria ser a mulher tradicional, apesar de ter consciência, ainda desejava e tinha como objetivo o casamento e a constituição da família, parou de trabalhar quando o casamento se realizou.

Com isso, Regina Lins diz algo bastante interessante sobre a mudança de mentalidades e a relação entre homem e mulher.

a relação entre homens e mulheres vem sendo subvertida, assim como a visão do amor, do casamento e do sexo. O mundo mudou muito mais da década de 1960 para cá do que do Período Paleolítico até então. Entretanto, o processo de transformação das mentalidades não atinge todas as pessoas ao mesmo tempo e é por isso que nos deparamos de vez em quando com matérias em jornais e revistas contendo declarações tão absurdas contra a mulher.⁴²

Assim, entende-se que as mudanças continuam a ocorrer, e alcançam homens e mulheres, mesmo que não seja sempre ao mesmo tempo, e que as transformações que iniciaram em 1960, continuam em movimento até nossos dias.

⁴² LINS, Regina Navarro. *O livro do amor*, volume 2. 3. Ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2013. P. 337

Capítulo III:

A nova mulher e o amor

No processo de leitura e observação do período estudado, percebe-se que a através das transformações do mundo feminino, podemos falar em uma nova mulher. Algumas perguntas são fundamentais nesse momentos para tentarmos compreendê-la e conhecê-la: Como essa nova mulher se comporta? O que faz dela uma nova mulher? Como ela se relaciona com o amor? Quais os problemas/dilemas dessa nova mulher? Afinal, o que é amor (romântico) para essa mulher?

Assim, buscamos mostrar como a mulher era vista e como esta se posiciona hoje na sociedade, qual o espaço conquistado e como esta mulher se relaciona com o amor, com o sexo, com a família, com os filhos e com a constituição de relações amorosas. Pensando nos estereótipos de mulher, como: “a mulher para casar ou para transar”

Para além da mulher, precisamos entender os vários conceitos em torno do “amor”, definir o amor abordado no seriado e aquele o qual baseamos nossa ideia. Entender o que é o amor e como a mulher do seriado se relaciona como tal, buscando entender como que a mulher que viveu as transformações do século XX, ou que vive após as mesmas – pensando que ainda vivemos essas transformações – se relaciona como tal.

Pensar como o novo papel da mulher moderna - com poder, status, conhecimento - interfere na forma de se relacionar e de se colocar frente aos relacionamentos. Afinal, por que essa mulher moderna não se encaixa no padrão ideal masculino?

Levantaremos algumas questões que foram abordadas no seriado, como: é possível uma mulher fazer sexo como homem? Por que os relacionamentos são tão importantes para a sociedade?

Assim, construiremos uma relação entre independência, sexo, amor e casamento. Entendendo como esses elementos hoje se comunicam com a mulher que nasceu na segunda metade do século XX.

Mary Del Priore, na entrevista “O casamento entre o amor e sexo”, para o Café Filosófico, diz que a necessidade do amor é típica do século XX e XXI, porque no século XVIII, veremos que o amor estava relacionado somente a Deus e não aos homens e aos sentimentos entre si.

O tema do amor tem se mostrado como um desafio para a pesquisa e vez ou outra, nos incomoda. Talvez, por causa da busca individual por aquilo que acreditamos ser amor ou exatamente por não sabermos do que realmente se trata o amor. Falar sobre o amor é um grande desafio, uma vez que nos propomos a olhar para um sentimento, o qual muitas vezes não conseguimos explicar nem entender, mas de forma racional.

Dessa forma, as questões em torno do amor, e dos sentimentos de forma geral, tornam-se cada vez mais parte do interesse público, uma vez que problematizá-los se apresenta como um desafio.

Acredito que através da expressão dos sentimentos na esfera social, acontecimentos bastante interessantes surgem. Uma vez que casamentos, mesmo que em sua maioria sigam um padrão social (visto que geralmente se dão por pessoas de mesma classe social, conhecimento intelectual e ambiente de convívio), não são mais arranjados, e as opções frente à sexualidade se tornam cada vez mais abertas, dando até mesmo para que o amor se manifeste. Assim, o amor e os relacionamentos se colocam como questões importantes a serem consideradas, uma transformação social em que um fenômeno é posto.

Portanto, entender como as transformações do papel da mulher e da forma como ela é vista pela e na sociedade, influem sobre as formas de se relacionar, de namorar, de flertar, de pensar o casamento e a família e, principalmente, de lidar com o amor, se torna bastante relevante.

Para analisar essas questões, usamos como fonte, um instrumento de grande importância para a construção de uma mentalidade do período estudado, a televisão e o cinema.

Para nos levar a essa reflexão sobre o tema do “amor”, nos debruçaremos sobre as visões do mesmo, abordadas no seriado “Sex and The City” de Darren Star, o qual nos proporciona pensar o tema do amor através dos pontos de vista das quatro personagens sobre as quais se desenvolve a trama, Carrie, Charlotte, Miranda e Samantha.

Flavio Gikovate é um psicoterapeuta que estuda o fenômeno do amor há algumas décadas, diz que a vida era regulada pelos impulsos, ou seja, nossa natureza animal, e se limitava apenas pelas forças da natureza, no entanto, ao tentar resolver, melhorar e organizar nossas necessidades básicas, acabamos interferindo na nossa realidade interna e externa e dessa forma, fomos limitando a natureza animal e livre através de regras e regulamentos. Assim, nos grupos maiores em que existam alguns na

liderança e no poder e outros que os obedecem, estes são rodeados por normas, tabus, e regras, criadas pelos governantes, enquanto os mesmos transgridem as regras por eles criadas. Porém, é importante pensarmos que essas regras repressoras são importantes para a organização da vida social.

Dessa forma o psicoterapeuta acredita que sexo e amor são fenômenos diferentes, enquanto o amor é para uma pessoa, o impulso/atração sexual pode ser para alguns, uma vez que o amor é o sentimento de paz e harmonia e só pode se realizar tendo outra pessoa ao lado, e o sexo é uma excitação que pode ser transferida de uma pessoa para outra, podendo o prazer sexual ser alcançado mesmo sem a presença de outro alguém.

Um problema que enfrentamos é que não conseguimos ainda dissociar o prazer sexual do amor, e assim, acreditamos que encontraremos em um única pessoa o amor e o desejo sexual, e quando a encontrarmos não sentiremos desejo sexual por outra pessoa, sendo esse um dos critérios para identificarmos o amor romântico.

Regina Lins mostra que a ideia do amor romântico nasce no final do século XVIII, e que “a ênfase é o afeto e não o sexo”⁴³.

Mas, a partir de 1960, começamos a ver o questionamento se precisamos e devemos continuar vivendo debaixo das repressões que estiveram regulando nossa sociedade por tanto tempo.

O seriado em questão aborda temas ligados aos objetivos de quatro mulheres diferentes entre si – que apesar de serem grandes amigas, são independentes – como exemplo, a construção da família, o prazer sexual e o trabalho, sendo esse o motivo que me levou a escolha do mesmo.

O seriado nos permite analisar sobre aspectos semelhantes, a realidade de algumas mulheres em busca dos seus sonhos, e envolvidos na trama, somos capazes de perceber como o fato de estarem no mercado de trabalho, de terem estudado, de serem bonitas, ou seja, de serem bem sucedidas, independentes, e fortes, se torna um problema para o relacionamento. Nos permite também observar como são os tipos de relacionamentos amorosos por elas construídos e como elas lidam com as questões vividas nestes.

⁴³ BRAGA, Flávio e LINS, Regina Navarro. *O livro de ouro do sexo*. 1 ed. São Paulo: Ediouro. 2005. P.274.

O seriado proporcionará um diálogo bastante interessante com o grande fenômeno do século XX que foi a inserção, cada vez mais crescente, das mulheres no mercado de trabalho, a grande quantidade de mulheres frequentando as universidades e a crise do sistema patriarcal que reflete na crise do homem tradicional, que busca por uma mulher que também seja tradicional, ou seja, que cuide da casa e se submeta ao esposo e não por uma mulher igual, que trabalhe e busque sua independência. Sobre isso, Gikovaté diz algo bastante interessante:

o avanço tecnológico trouxe consigo, por exemplo, a diminuição da importância da força física nas atividades produtivas. A inteligência foi se tornando mais importante do que o vigor muscular. Qual a consequência disso? A grande vantagem do homem sobre a mulher se neutralizou por ação do próprio homem. Apesar dos esforços de alguns teóricos dos séculos passados, nunca se conseguiu comprovar qualquer tipo de superioridade intelectual do homem sobre a mulher. Logo, estavam criadas as condições para a igualdade profissional, econômica e, inexoravelmente, social entre os sexos.⁴⁴

Dessa forma, os homens recuam, sendo incapazes de lidar com a situação, muitas vezes buscando por uma mulher que não lhe fosse igual, mas que lhe fosse “inferior”, já que o lugar de “poder” da relação deveria estar centralizado no homem, que manda, que trabalha, que decide, que domina. Logo, percebemos que há um problema, no mesmo momento em que as mulheres estão sendo inseridas na sociedade de uma forma nova (academicamente e profissionalmente), os homens continuam sendo educados no modelo patriarcal, mas, ao saírem para a vida pública, encontram uma realidade diferente e mulheres cujo comportamento não é como o esperado, dessa forma, uma crise é posta.

Em *Sex and the City* temos quatro personagens que são mulheres, lindas, inteligentes, bem sucedidas nas suas áreas, aparentemente seguras, porém, solteiras. Em todo o seriado teremos a forma de se relacionar com o outro, seja apenas como parceiro sexual ou com quem se tem um compromisso de fidelidade, sendo discutida entre as personagens, nos mostrando modos diferentes de tratar o amor, o sexo e a família.

Em vários momentos do seriado, veremos uma clara menção aos contos de fadas, sendo geralmente quebrados por realidades da mulher de Manhattan. Todos os episódios iniciam de forma igual, com Carrie andando por Manhattan vestida com um body cor de rosa e uma saia de tule branca, quando passa um ônibus com sua foto estampada, usando um vestido nude com a frase: “Carrie Bradshaw sabe o que é sexo

⁴⁴ GIKOVATE, Flávio. *Uma nova visão do amor*. 5. Ed. Rev. São Paulo: MG Editores, 2009. P. 29

bom e não tem medo de perguntar”. Vemos na tese de doutorado de Michel Bruschi que o body cor de rosa e a saia de tule usados por Bradshaw é uma menção direta dos contos de fadas que mostram uma mulher esperando por um príncipe encantado, contudo, ao passar o ônibus com outra foto de Carrie, percebemos uma quebra do ideal da princesa que acredita no amor, para a realidade da mulher que o questiona. Bruschi dirá que

É isto que está fazendo a Carrie de tule, a Princesa dos romances femininos, da vinheta de abertura do seriado. Ela segue confiantemente a sua trajetória linear por um caminho aparentemente seguro já descrito em páginas e páginas dos livros de histórias de amores românticos. Mas aí, eis que surge um ônibus que traz a Carrie jornalista que está com seu olhar voltado para as histórias dos amores das ruas de Nova York e joga água nas ilusões da heroína romântica. São as micronarrativas da Cronista do jornal, que no dia seguinte já estão na lata de lixo ou servindo de cobertor para os mendigos no metrô de Manhattan, que mostram a cada semana novas inquietações que perturbam e desmoronam com a metanarrativa romântica que explicava como deveria ser o amor.⁴⁵

Com isso, percebemos que o seriado parte do amor romântico como aquele vivido pelos personagens de contos de fadas, o amor vivido por Romeu e Julieta, em que há um homem ideal que resgata, ou emancipa, a princesa. Um amor capaz de enfrentar as barreiras e vencer os ideais, seja a família ou classe social. Contudo, ao mesmo tempo coloca esse ideal de amor em dúvida, questiona, e mostra que existem outras perspectivas sobre esse amor, que deve ser pensado.

Carrie, além de personagem é também narradora do seriado, e as reflexões acerca do amor, sexo e relacionamentos se darão nos momentos de narração da mesma. Veremos na Carrie cronista que ela tem muitas dúvidas acerca dos temas sobre os quais mais escreve, e talvez esses questionamentos se dão porque existe uma Carrie “princesa” que deseja ser resgatada por um príncipe, que acredita na necessidade de estar sempre com alguém por reafirmação e uma Carrie que apesar de contestar o amor, continua acreditando nele. Bruschi diz que

Para evitar sermos perseguidos por este fantasma [o amor romântico], Costa (1999) afirma que é preciso construir novos caminhos para a paixão. Se no primeiro amor, segue-se ao pé da letra o roteiro do romantismo dos filmes, seriados, romances, novelas e músicas; nos outros, é preciso inventar algo diferente, outras emoções e compromissos. Para este psicanalista, se sonhar com Príncipes e Princesas é bom, melhor ainda é saber que na vida se amará pessoas comuns que são parecidas conosco, com nossas fraquezas, imperfeições e, também, com nossa eventual generosidade.⁴⁶

⁴⁵ BRUSCHI, Michel Euclides. As narrativas das gotas d'água pós modernas: Sex and the City e o fantasma do amor romântico. Porto Alegre, 2009. P. 21. (Tese – PUCRS)

⁴⁶ BRUSCHI, Michel Euclides. As narrativas das gotas d'água pós modernas: Sex and the City e o fantasma do amor romântico. Porto Alegre, 2009. P. 24. (Tese – PUCRS)

Bradshaw passará por alguns relacionamentos durante a trama, estando na maior parte do tempo com alguém, raramente está solteira, porém seu grande “amor” será o Sr. Big, ele é o tipo “homem ideal”, o príncipe que não chega no cavalo branco mas chega em sua limusine com motorista. Big e Bradshaw passarão por idas e vindas, por vezes, será difícil deixar de lado questões externas ao relacionamento e permitir que o amor vença.

No relacionamento de ambos, perceberemos uma clara demonstração sobre os tipos de mulher, aquela para casar e aquela para passar uma noite, e ainda seria possível adicionar aqui outro tipo, o tipo de mulher para amar. Uma vez que nem sempre a mulher com que se casa é a mulher que se ama.

Apesar do Sr. Big demonstrar que amava Carrie, ela nem sempre se portava como a mulher certa para casar ou apresentar para a sua família tão nobre, o que por vezes se tornou motivo de conflitos entre eles. Carrie se sentia como se Big a estivesse escondendo.

Sobre isso, Flávio Gikovate⁴⁷, fala sobre o medo que muitos homens tem de mulheres fortes, pois seria muito difícil – para não dizermos impossível – dominar sobre elas, então é mais confortável ter mulheres fracas ao seu lado, esse fenômeno reflete inclusive na experiência sexual, podendo o homem ter um desempenho ruim caso esteja diante de uma mulher que ele considere mais bem sucedida ou mais bem dotada do que ele.

Em relação a experiência de Carrie e Big, vemos uma situação bastante interessante. Para isso, vamos analisar o episódio dezoito da segunda temporada, chamado “O ex e a cidade”, que possui roteiro e direção de Michael Patrick King, e que se desenvolve em torno da pergunta: “É possível ser amigo de um ex?”.

O episódio começa com Carrie, acompanhada de Miranda, comprando flores com a narração dizendo que “algumas decisões, como com que você se casa, são grandes, e outras são ainda maiores”, fazendo uma brincadeira com o nome de Big. Nesse momento, Carrie se vira para Miranda e pergunta qual flor deve comprar. Carrie se volta para o vendedor e a narração continua dizendo: “e a outra escolha é como lidar com um ex namorado?”. Nesse momento, Miranda vê Steve caminhando em direção as duas, e puxa Carrie, assim foge de Steve que nesse momento era seu ex-namorado.

⁴⁷ GIKOVATE, Flávio. Muitos homens têm medo de mulheres fortes. Julho de 2015. Disponível em: <http://flaviogikovate.com.br/muitos-homens-tem-medo-de-mulheres-fortes/>

Na cena seguinte, as quatro amigas estão reunidas em um restaurante conversando sobre a possibilidade de ser amiga de um ex. Para Miranda e Samantha, a ideia parece impossível. Samantha diz que amizade é para mulher, e homem para sexo. Charlotte diz que se um cara não quer ser seu namorado, também não deverá ser seu amigo. Mas, Carrie acha que não ser amiga de um ex, é infantil, apesar de não ter conseguido ser amiga de Big. Então, faz a seguinte pergunta: “quando você ama alguém e termina, para onde o amor vai?”. Samantha sendo prática, diz: “para a próxima namorada”. E Carrie conta que viu Big e Natasha juntos em um café e ele estava segurando a mão dela e sorrindo, e foi quando percebeu que eles (Carrie e Big) já eram, não tinham mais chances.

Na cena seguinte, Carrie está em seu apartamento, escrevendo no computador, .. quando a narração está falando que naquela noite ela ficou pensando no fator X, sendo que “X em matemática é desconhecido, qual poderia ser o resultado da soma da amizade com um ex? Seria possível transformar paixão em amor?”.

Na outra cena, Miranda está em casa, lendo jornal e tomando café, quando Steve toca a campainha, dizendo que fugir foi uma coisa muito feia e que ela o machucou quando fugiu. Miranda diz que não sabe lidar com ex namorados e começa a chorar, dizendo que sente saudades de Steve. E ele diz que eles podem conversar, sair e ser amigos.

Enquanto Charlotte está correndo no parque vê seu primeiro amor, seu cavalo Taddy, o cavalo que a fez cair e quebrar a clavícula em um campeonato, após isso, o pai dela vendeu Taddy. Charlotte nunca mais montou em um cavalo. E pensou que talvez estivesse pronta para voltar a cavalgar.

Na outra cena, Samantha, esta saindo de um prédio quando passa por um homem que a paquera, e com quem acaba por trocar algumas palavras e ele lhe dá o numero de telefone.

Quando Carrie vê um vestido antigo no meio de suas roupas, decide que deve ligar, amigavelmente, para seu ex, Mr. Big. Porém, é Natasha, a atual, quem atende, e ela desliga, mas, ao lembrar que Big tem identificador de chamadas, retorna e dessa vez, é ele quem atende. A conversa começa meio esquisita e depois Carrie pergunta o que ele acha de amizade entre ex namorados. Por fim, eles combinam de almoçar juntos.

Na próxima cena eles - Carrie e Big - estão no restaurante, e Carrie havia feito as reservas no nome dela, e não no de Big, como usualmente. Nos primeiros minutos de conversa com Big percebe que ele está nervoso, ele até tropeça no caminho até a mesa.

Alguns minutos depois, Carrie estava convencida que cosmopolitan mais uísque era a solução para a amizade com um ex. Quando então ela diz para ele falar sobre a namorada, mas logo percebe que não é uma boa ideia. E diz: “vamos fazer um pacto, não falamos dos nossos relacionamentos ate que sejam sérios”. E Big diz que o relacionamento dele com Natasha é serio, e que eles estão noivos. Carrie fica muito mal, Big tenta explicar, mas ela fica indignada, diz que ele tem problemas com relacionamentos e que não queria se casar novamente, e diz que ele brincou com ela por dois anos e depois é capaz de se casar com uma menina de 25 anos em cinco meses. A conversa acaba com uma discussão no meio do restaurante. Carrie se levanta e vai embora.

Na outra cena, Carrie está acompanhando Charlotte para que ela possa montar em um cavalo novamente, e lhe contando sobre o almoço com Big. Carrie esta indignada porque Big vai se casar com uma “adolescente”. Então chega o cavalo para Charlotte cavalgar, mas ao se aproximar e tentar subir, as memórias antigas voltam e ela não consegue, e vai embora correndo.

Enquanto isso, Sam está com o cara que ela conheceu na rua, quando ele diz que tem um pênis muito grande, mas ela diz que aguenta, uma vez que já tiverá várias experiências, então quando ele fica nu, ela realmente se assusta.

Quando Samantha encontra Carrie, conta sobre o acontecido e brinca com Carrie dizendo que: “você namorou Mr. Big, eu estou namorando Mr. Too Big”.

Miranda e Steve estão juntos no quarto como amigos, ela está apenas pegando uma camiseta dele para devolver e na hora de ir embora, Steve tenta beijá-la, mas a principio ela nega, e depois se entrega, o que vira uma noite de sexo. Depois Steve pergunta se eles brigaram por boas razões, ao que ela responde que sim, então eles decidem que continuarão sendo apenas amigos, mas, amigos que fazem sexo.

Samantha está, novamente, com o homem que conheceu na rua, e tentando se adaptar ao tamanho do pênis dele, mas percebe que não terá jeito, e sugere, talvez pela primeira vez, que eles sejam apenas amigos.

Charlotte, no outro dia, decide levar o cavalo para passear para se conhecerem e ir com calma, e com essa amizade, seu medo sumiu e ela conseguiu voltar a cavalgar.

Big liga para Carrie, mas ela não atende e ele deixa uma mensagem pedindo desculpas, dizendo que não tinha a intenção de magoá-la, e que sente muito pela semana passada durante o almoço. Carrie estava ouvindo a mensagem, quando pega o telefone e também pede desculpas. Ambos se desculpam e Carrie deseja felicidades a ele e

Natasha, mesmo que não seja aquilo que ela realmente desejava, e diz que um dia talvez isso mude e eles poderão ser amigos e sair para beber.

Na próxima semana, Carrie está em casa olhando as correspondências quando vê que recebeu o convite de noivado de Big e Natasha, já que ela mesmo havia proposto para tentarem ser amigos.

Na cena seguinte, as quatro amigas estão conversando e Carrie diz que naquele momento seu ex estava ficando noivo. E pergunta: “porque ela?” Então Miranda responde: “uma palavra: Hubbell”.

Samantha não sabe quem é Hubbell e as amigas não acreditam. Miranda resume o filme - O nosso amor de ontem -, dizendo que: “Robert Redford (Hubbell) é apaixonado por Barbra Streisand Katie, mas que eles não podem ficar juntos porque ela é muito complicada, tem o cabelo encaracolado, então ele casa com uma garota simples de cabelo liso”. E Charlotte fala sobre a cena final do filme, em que Katie e Hubbell se encontram, ele estava entrando no carro com a esposa, mas vem ao encontro de Katie, e ela toca o seu cabelo, e diz: “sua garota é adorável, Hubbell.”. De repente, Samantha diz que sente falta do James.

Depois de conversar com as amigas, Carrie passou pelo local do noivado, ela não entraria, mas estava no caminho de casa, quando vê Big e Natasha entrando no carro e Big a vê (assim como no filme, O nosso amor de ontem) e vai até ela. Carrie tinha duas opções: fugir, ou fazer a pergunta que tanto queria. Big chega e diz que achou que saberia o que dizer a ela. Carrie perguntou por que ele não havia escolhido ela. E Big diz que não sabe, que as coisas ficaram difíceis. Então Carrie reproduz a cena final do filme. E Big diz que não havia entendido. Ao que Carrie responde: “você nunca entendeu”. Vira as costas e vai embora, alguns passos depois, ela para e fica olhando um cavalo, e a narração diz: “talvez eu tenha domado o Big e ele que não me domou, talvez algumas mulheres nunca serão domadas, e precisam ficar livres até que encontrem alguém tão selvagem quanto elas”.

Carrie se viu como a personagem Katie do filme “O nosso amor de ontem”, dirigido por Sydney Pollack e lançado em 1973. No filme, Hubbell (Robert Redford), é apaixonado por Katie (Barbra Streisand), mas, eles não podem ficar juntos, porque ela é uma mulher complicada demais para ele – é uma mulher muito inteligente, independente, luta pelos ideais que acredita, tem opinião e não faz questão de esconder – e o filme retrata essa complicação de Katie através dos seus cabelos cacheados (como os de Carrie). Então, Hubbell é tradicional e quer uma mulher também tradicional, por

isso, deixa Katie e se casa com uma mulher simples, que não é complicada e portanto, possui o cabelo liso. Carrie se identifica com Katie, e talvez seja essa a resposta de “por que Natasha, não eu?”, Natasha é uma mulher simples, sem complicações, que certamente acompanhará o marido nas decisões dele, e por sua vez, tem o cabelo liso. Mesmo tentando e estando apaixonados, Katie não consegue ser o que Hubbell deseja, assim como Carrie e Big.

Big se mostra resistente ao casamento em alguns momentos, contudo durante o seriado se casa com outra mulher, o que leva Carrie a essa reflexão, de que talvez ela não fosse o tipo de mulher para se casar com o Sr. Big, mesmo que ele a tivesse amado.

Assim, nos fica claro que a relação sexo, amor e casamento nem sempre caminham juntas. Sobre isso, Flávio Gikovate dirá que

Tenho descrito o amor como o sentimento que temos pela pessoa cuja presença nos provoca a sensação de paz e harmonia. A sensação de aconchego correspondente ao amor só se estabelece na presença daquela determinada criatura, do amado. (...) Apenas registro que o sexo corresponde à excitação e não a paz e harmonia; além do mais, a sensação de amor só pode se dar ao lado de outra pessoa, ao passe que o sexo pode se exercer de modo solitário. Mesmo quando a excitação sexual é desencadeada em função de uma pessoa, ela pode facilmente ser transferida para outra, o que não ocorre no amor. Nesse sentimento, é fixo o nosso interesse por determinada criatura; por outro lado, podemos sentir desejo sexual por várias pessoas ao mesmo tempo. Sexo e amor não só não fazem parte do mesmo impulso como, não raro, estão em antagonismo. A fidelidade sentimental, por exemplo, é espontânea e natural; não se pode dizer o mesmo da fidelidade sexual, se é que ela, de fato, existe.⁴⁸

Neste momento, percebo que um problema é posto para a pesquisa. O feminismo certamente proporciona à mulher a possibilidade de se afirmar, de dominar seu corpo e tomar as próprias decisões, não apenas na esfera sexual mas em tudo o que lhe for necessário ou desejado. Contudo, a liberação sexual parece nos trazer questionamentos quanto ao seu sucesso no universo feminino.

Bruschi aborda um pouco essa questão apontando que, certamente a liberalização sexual foi boa para as mulheres, mas foi ainda melhor para os homens que conseguiriam mais facilmente levar uma mulher para a cama.

Lipovetsky (2000) concorda com Whitehead, pois afirma que a emancipação sexual das mulheres encheu de contentamento os homens, enquanto deixou nas mulheres uma sensação de mal-estar e insatisfação. Para ele, as feministas erraram de revolução, porque o sexo desapegado, sem sentimento, como pregado por Samantha, em *Sex and the City*, serve aos homens, mas não aos desejos profundos das mulheres. Por isso, os problemas continuam o mesmo: enquanto as mulheres continuam censurando os homens por sua

⁴⁸ GIKOVATE, Flávio. Uma nova visão do amor. 6.ed.rev. São Paulo: MG Editores, 2009. PP. 42-44.

frieza emocional, os filmes, os seriados e as confidências femininas atestam os impasses do sexo casual sem romantismo.⁴⁹

Parece-me que as quatro personagens de *Sex and the City* acreditam no ideal do amor romântico, contudo, nem todas parecem acreditar na realização deste amor e se este não pode ser vivido totalmente, então buscam o sexo casual e deixam o romance.

Carrie parece ser a personagem que melhor demonstra essa dúvida em relação ao amor romântico. Uma vez que Samantha já se emancipou totalmente desse ideal, não apenas não acredita no amor romântico como não está interessada nele, a senhorita Jones quer aproveitar sua vida com diversas experiências sexuais, ela não precisa de um homem para ser feliz. Da mesma forma Miranda é extremamente racional quando o assunto é amor e homens, ela não acredita em ambos, sendo ela mesma suficiente, e os homens um acessório importante na prática sexual, mas não exclusivo, uma vez que há outras formas de alcançar o prazer. Charlotte, diferentemente, esta mergulhada na ideia do amor romântico, ela não consegue pensar na ideia de outra forma de relacionamento, Charlotte acredita em contos de fadas, acredita na realização do amor romântico e no homem ideal.

Flávio Gikovate fala sobre o fator antiamor que para ele é o medo. O medo em vários níveis, desde a perda da identidade até o medo da felicidade. As personagens de *Sex and the City* não parecem se enquadrar nesse fator, ao contrário elas estão tão certas de suas identidades que não aceitam estar com qualquer homem, que não aceitam qualquer tipo de relacionamento.

Essas mulheres estão rompendo com diversos ideais, como a necessidade de um homem para emancipação e realização completa da mulher, inclusive com o pensamento de que estar sozinho seja um fardo, uma vez que, como mostra Belkis Morgado, apesar de algumas mudanças nesse aspecto, para a maioria das sociedades, o casamento continua a ser a finalidade e qualquer mulher deve buscá-lo, uma vez que isto é o normal, aqueles que não casam e permanecem solteiros são diferentes e estão fora dos padrões convencionais. Gikovate diz que tanto nos anos 1960 quanto atualmente as pessoas tem grande dificuldade de ficar sozinhas, já que não foram educadas para isso, mas sim para viver em comunidade, e assim, não nos sentimos bem sozinhos, porque não nos sentimos completos, parece que algo esta nos faltando,

⁴⁹ BRUSCHI, Michel Euclides. As narrativas das gotas d'água pós modernas: *Sex and the City* e o fantasma do amor romântico. Porto Alegre, 2009. P. 40-41. (Tese – PUCRS)

causando uma sensação de dor. Por isso, a maioria das pessoas evitam ficar sozinhas, mas o psicoterapeuta mostra que é nesses momentos de solidão que percebemos nosso interior e construímos nossa individualidade, nossa identidade. Contudo, mesmo que alguém consiga ficar bem estando sozinho, se se apaixonar por alguém e passar tempo com essa pessoa, desaprenderá a viver sozinha. Sobre isso, Laura Kipnis diz que

dizer “não” ao amor não é apenas heresia, é uma tragédia: porque é uma espécie de falha nossa em realizar o que é mais essencialmente humano. E não é apenas trágico, mas anormal. (É claro que o próprio conceito de normalidade é um dos instrumentos de gestão social mais poderosos inventados até os dias de hoje.) O diagnóstico? So pode ser essa terrível doença moderna, o “medo da intimidade”.⁵⁰

Ainda sobre a necessidade do amor e de estar com uma pessoa, Lins mostra que “a propaganda a favor da ideia de que só é possível a realização afetiva através da relação amorosa fixa e estável com uma única pessoa é tao poderosa que a busca da “outra metade” se torna incessante e muitas vezes desesperada.”⁵¹

Parece-nos que ainda não existe espaço para pensarmos em mulheres - talvez, nem mesmo em homens - que possam desejar viver sozinhos para sempre, em algum momento eles viverão o fenômeno do amor e, socialmente, seria melhor que este fenômeno não demorasse tanto a ocorrer, mas, nem sempre este é o desejo individual.

Regina Lins e Flávio Braga, dizem no “O livro de ouro do sexo” que

o mais grave nos contos de fadas é a ideia de que as mulheres só podem ser salvas da miséria ou melhorar de vida por meio da relação com um homem. As meninas vão aprendendo, então, a ter fantasias de salvamento, em vez de desenvolver suas próprias capacidades e talentos.⁵²

Sobre essa questão de precisar de um homem para emancipar a mulher, encontramos em Samantha uma visão bastante curiosa sobre como essa nova mulher se posiciona.

Para isso, vamos analisar o terceiro episódio da quinta temporada, chamado “Velhas amigas”, que possui roteiro por Julie Rottenberg e Elisa Zuritsky e direção de John David Coles. O episódio se desenvolve em torno da seguinte pergunta: “se sabemos que a banca sempre ganha, por que apostar?”

O episódio inicia com Carrie esperando um homem em um bar, para um encontro com as cegas, mas ele não vai ao encontro.

⁵⁰ KIPNIS, Laura. *Contra o amor*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2012. P. 36

⁵¹ LINS, Regina Navarro. *O livro do amor*, volume 2. 3. Ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2013. P.173.

⁵² BRAGA, Flávio e LINS, Regina Navarro. *O livro de ouro do sexo*. 1 ed. São Paulo: Ediouro. 2005. P. 277

Na cena seguinte, as quatro amigas estão tomando café e falando sobre encontros as cegas, o que elas acham e Carrie conta de sua experiência. Será aniversário de 36 anos de Charlotte (mas ela insiste em não sair dos 35), e Carrie quer que as quatro comemorem juntas, insiste para que todas deem um jeito e que Miranda arrume alguém para ficar com o bebê Brady, e que Samantha cancele a viagem para Atlantic City, mas, Richard sugere que todas possam ir pra Atlantic City e comemorar o aniversário lá, e Carrie logo gosta da ideia.

Miranda deixa Brady com Steve, mas quando esta saindo de casa, Steve aparece dizendo que não conseguirá ficar com o bebê durante todo o fim de semana porque não está preparado, tem medo de machucá-lo. Carrie insiste para que achem outra alternativa, e após muito tempo, depois que já haviam perdido o voo com Samantha e Richard, eles resolvem o problema do bebê e o deixam com a Magda, a doméstica que trabalhava na casa de Miranda. Assim, Carrie e Miranda podem viajar, mas terão que ir de ônibus.

Quando Carrie e Miranda estão no ônibus, Carrie percebe que os passageiros são todas senhoras mais velhas, e se preocupa pensando se ela e Miranda, Charlotte e Samantha continuarão amigas quando tiverem 70 anos, sendo que elas já estão deixando uma a outra para segundo plano.

Enquanto isso, Charlotte está no avião sozinha com Samantha e Richard e não parece nada confortável em estar ali.

Na cena seguinte, as amigas estão juntas em Atlantic City e Carrie quer que todas possam jantar juntas... no meio do jantar Richard aparece e pergunta se Samantha quer ir com ele ao jogo de pôquer, ela diz que não, que ficará com as amigas naquela noite, mas ao ver outra mulher levando até o lugar do jogo, Samantha decide ir e deixa as amigas.

Na outra cena, Samantha e Richard estão na suíte do hotel, e Samantha está se arrumando para sair e encontrar com as amigas, mas acha que pode estar sendo enganada por Richard e que na ausência dela, ele poderia traí-la. Mesmo assim, depois de mandar a camareira embora, vai ao encontro das amigas.

Quando está com as amigas, Richard liga pra Samantha e diz que não poderá ir assistir a luta porque terá uma reunião por telefone, que ela poderia ir com alguma das amigas, mas Samantha acha que ele estava mentindo e vai correndo para o quarto, a fim de encontrá-lo com alguém, afinal, Richard já a havia traído. Mas, ao chegar no quarto não há ninguém. E Samantha diz que não consegue mais suportar essa situação. Richard

disse a ela que já havia dito que faria de tudo para não machucá-la novamente, e que ele realmente estava tentando. Quando ele diz que a ama, ela responde: “Eu o amo também, Richard, mas me amo mais”. E ali terminou tudo com ele.

Carrie estava bastante reflexiva naquele dia, quando decidi caminhar sozinha e senta em um banco, olhando para o mar próximo ao horário do pôr-do-sol, e fica pensando que talvez ela esteja tentando se esconder nas suas amigas - por isso o medo de perdê-las. E ao ver um casal mais velho ao seu lado, ainda apaixonados e harmônicos, aproveitando juntos a vista do pôr-do-sol, ela percebe que existem algumas coisas nas quais ainda vale a pena apostar.

Ao voltar para o hotel, Carrie faz sua aposta no Cassino do hotel, apostando no numero 36 (sua idade), mas perde a ficha de 1.000 dólares que havia ganhado de um homem outra noite, quando soprou o dado para ele, fazendo o ganhar.

Como Samantha havia terminado com Richard, as quatro amigas voltam juntas para Nova Iorque de ônibus, e Carrie pergunta a Samantha se ela não poderia ter esperado até o outro dia para terminar com ele, e a resposta que tem é: “e perder a minha dignidade?”. Novamente, Samantha mostra que para ela, o amor próprio vem em primeiro lugar.

Muitas mulheres só conseguem sentir-se realizadas quando estão em relacionamentos, mas, Samantha nos mostra que não é apenas o fato de estar em um relacionamento, mas de amor próprio. Talvez, seja essa uma das características tão importantes da nova mulher, amar a si mesma, e amar a si primeiro.

Regina Navarro e Flávio Braga trazem uma informação interessante para pensarmos como a sociedade do final do século XX, via o fato de estar solteiro.

A reação esperada ao movimento feminista aconteceu na década de 1980. A mídia divulgou alarmantes sinais de que as mulheres haviam perdido muito com sua revolta contra a histórica opressão masculina. A revista *Newsweek* informou que o stresse atacava mulheres, que agora eram executivas de empresas. As mulheres solteiras e independentes estavam “deprimidas e confusas” devido à “falta de homens”, disse o *New York Times*.⁵³

Vemos, desta forma, como a ideia de um homem necessário na vida da mulher, era socialmente e culturalmente não apenas desejado, mas exigido, e aquelas que não estavam casadas ou, ao menos, em relacionamentos, eram percebidas como estressadas, deprimidas e confusas.

⁵³ BRAGA, Flávio e LINS, Regina Navarro. *O livro de ouro do sexo*. 1 ed. São Paulo: Ediouro. 2005. P. 283.

Morgado se preocupou em estudar sobre a mulher, e assim como outros estudiosos também mostra que ser mulher estava diretamente relacionado ao ser feminina (meiga, delicada), com o lar (a cozinheira, costureira, mãe), e mostra que a diferença dos papéis - homem e mulher - atrapalham na construção da identidade, uma vez que ambos são conduzidos para se tornarem aquilo que sua função espera.

Também em relação a própria aparência, a mulher está sujeita a todo um processo de modelagem desde cedo - no "menina não faz isto ou aquilo" está implícito todo um critério de valor em que o conceito de beleza vai perseguir a mulher a vida toda, num maniqueísmo de bom/bonito, mau/feio. Os modelos são impostos desde as histórias de fadas contadas as crianças onde as rainhas e princesas são sempre belas e as bruxas, velhas e feias, criando desde cedo o drama do envelhecer/virar bruxa. Mais tarde, no começo da adolescência, quando lhe é ensinado o processo de sedução (homem gosta disso, não gosta daquilo), fixa-se mais ainda o modelo de ser bela a qualquer preço. Os meios de comunicação (jornais, TV, revista, cinema, out-doors) todos eles veiculam modelos louros, lindos, longilíneos, esguios e jovens (...).⁵⁴

O que vemos no seriado é exatamente uma inversão deste valor, aquelas mulheres não querem ser apenas o ideal que o homem deseja, elas também possuem um ideal de homem ao qual eles nem sempre se encaixam, elas mostram que nem sempre é somente sobre eles, mas que também é sobre elas, sobre os desejos delas.

As personagens de *Sex and the City* refletem essa questão até mesmo em suas roupas, uma vez que o estilo, o fashion, é muito importante na composição do seriado. Anne Hollander mostra que a sexualidade vem como prioridade na moda moderna, se dirigindo primeiro aqueles que vestem e depois ao outro, e diz que

mulheres emancipadas procurando modernizar suas roupas não acharam meio melhor do que imitar o que os homens haviam feito um século antes, copiando a ideia de um invólucro que se ajustava folgadoamente ao corpo revelando a sua própria forma ao mesmo tempo em que sugeria o corpo que encobria e permitia o movimento em conjunto desse e da roupa criada. As roupas femininas dos anos 20 e 30, na verdade, atingiram o ideal moderno; mas mantiveram distintamente o esquema feminino, e os sexos mantiveram sua separação tradicional.⁵⁵

Assim, vemos que a ideia de separação dos sexos, seja na sua função ou na sua aparência se colocava como um ponto muito importante.

Mais uma vez, vemos a questão da classe social sendo retratada, nos é claro que a mulher trazida em *Sex and the City* vem das mulheres de classe média, já que a mulher pobre não tem tempo para pensar nesses ideais de beleza, e ficam apenas

⁵⁴ MORGADO, Belkis. *A solidão da mulher bem-casada*. 2 Ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1986. P.12.

⁵⁵ HOLLANDER, Anne. *O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. P. 21.

sabendo das mudanças que estão ocorrendo em um universo que as alcança, o feminino, mas não são participantes dessas transformações.

Zygmunt Bauman em diversas de suas obras fala sobre a liquidez das relações, e em “Amor Líquido”, mostra que uma das dificuldades de se estar em compromissos sérios⁵⁶ é abrir mão de outras experiências românticas que podem ser mais satisfatórias, emocionantes e excitantes, uma vez que as experiências amorosas estão disponíveis em grande quantidade e por isso, muito se confunde as noites isoladas de sexo com o amor. E mesmo quando há um relacionamento sério, o desejo é que este seja leve, não exija muito das partes envolvidas.

Para o sociólogo,

e assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para o uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exigem esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro⁵⁷

Ou seja, a liquidez, a leveza das relações, a instantaneidade, o prazer, estão refletidos não apenas na busca da experiência amorosa, mas nos diferentes níveis da vida social, sendo refletido inclusive no sistema consumista. Outra característica importante sobre este sistema, é que tudo se torna descartável, podendo ser usado apenas uma ou algumas poucas vezes.

Bauman compara os relacionamentos leves com aqueles construído através das redes sociais, em que caso não esteja sendo satisfatório é possível simplesmente deletar e ambos seguem a vida. Porém, o que antes era uma vantagem, toda essa mobilidade muitas vezes se torna cansativa, “a facilidade do desenfadamento e do rompimento (a qualquer hora) não reduzem os riscos, apenas os distribuem de modo diferente, junto com as ansiedades que provocam”.⁵⁸

Em uma sociedade que busca relacionamentos leves e frouxos, em que o prazer pode ser satisfeito rapidamente, sem precisar de muito esforço, em que há novidade e variedade sempre disponível, possibilitando a rotatividade, pode ser muito difícil o processo do amor que exija serviço, adaptação, renúncia, flexibilidade, conciliação e disponibilidade para o outro, pois relacionamentos assim exigem que o outro seja

⁵⁶ Estamos entendendo que compromissos/relacionamentos sérios são os monogâmicos, em que haja confiança e a fidelidade como princípios, que haja cumplicidades e reciprocidade.

⁵⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. P. 21.

⁵⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. P. 13.

colocado em primeiro plano, que os desejos individuais muitas vezes sejam deixados em favor do desejo do outro. Além de que ““estar num relacionamento” significa muita dor de cabeça, mas sobretudo uma incerteza permanente. Você nunca poderá estar plena e verdadeiramente seguro daquilo que faz - ou de ter feito a coisa certa ou no momento preciso”.⁵⁹ Ou seja, o investimento feito em um relacionamento, também pode ser considerado de alto risco.

Laura Kipnis fala sobre algumas questões relevantes no que tange ao amor e ao relacionamento, e ao falar sobre o formato do casal nos dias de hoje, diz que a busca é pelo amor maduro, entendendo este como aquele que mantém as coisas no lugar, porque mudar a posição das coisas é inconveniente, bem como aquele que permanecera quando o desejo e a atração sexual não forem mais tão fortes. Assim,

a forma de casal praticada hoje em dia é ambivalente (...) por um lado, o anseio por intimidade, por outro, o desejo de autonomia; por um lado, o conforto e a segurança da rotina, por outro, sua medonha previsibilidade; por um lado o prazer do de ser conhecido profundamente (e conhecer profundamente outra pessoa), por outro, os papéis restritivos que essa familiaridade prevê.⁶⁰

Contudo, sabe-se que em uma sociedade de consumo, nem todos são os consumidores, e por isso, esta ideia se aplica a uma classe de bem-sucedidos, ou seja, aqueles que podem comprar e trocar sempre que estiverem entediados. Aqueles que não podem adquirir novos bens com velocidade por conta de falta de recursos e perdem a promessa de novas sensações, são considerados os fracassados.

Porém, não apenas relacionamentos duradouros exigem habilidades, os relacionamentos rápidos e frágeis também, como por exemplo, a habilidade para não se apaixonar, para não se envolver emocionalmente. É o que Carrie estava tentando fazer quando conheceu Mr. Big, e o que as amigas estavam se questionando, “seria possível fazer sexo como os homens?” - não estamos dizendo que os homens também não se apaixonam, mas, que eles parecem ter a habilidade de não envolver suas emoções em relações de apenas uma noite mais aguçada do que as mulheres, elas ainda se envolvem com muito mais facilidade. Bauman diz que a publicidade trouxe a ideia de “sexo seguro” como aquele praticado com o uso de preservativos, evitando assim a gravidez e possíveis doenças sexualmente transmissíveis, no entanto, o autor vai mais além na questão da segurança, mostrando que existem outras questões que envolvem o

⁵⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p.29.

⁶⁰ KIPNIS, Laura. *Contra o amor*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2012. P. 45.

relacionamento sexual que seriam difíceis (se não, impossíveis) de ser evitados, como o envolvimento emocional e amoroso, o qual não ha um preservativo que possa ajudar a evita-lo. Uma vez que a união sexual pode ser apenas um episódio, não significa que houve precedentes nem que haverá procedentes - mas, pode haver -, mas as marcas emocionais - seja a insegurança, a paixão ou outros - durara por mais tempo.

Kipnis diz que a questão não é a falta de compromisso, mas ser menos comprometido para que haja a possibilidade de afastamento sem que isto abale o emocional de forma tão profunda, é tentar não se fundir com o outro, o que é certamente muito difícil, já que se apaixonar é, de certa forma, o compromisso em se fundir.

Vê-se que os casamentos do estilo “e viveram felizes para sempre”, estão sendo substituídos por relacionamentos com a intenção de ficar juntos até quando for bom para ambos, até quando for conveniente, logo, a temporalidade mudou, antes com ideais de “eterno”, hoje com a ideia de “temporário”.

Para encerrarmos este capítulo, Vnícus de Moraes parece descrever no “Soneto da Fidelidade”, aquilo que nos propomos a pensar, a possibilidade de vários amores que sejam profundos enquanto durarem.

Soneto de Fidelidade

Vinícus de Moraes

De tudo ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho monográfico, analisamos como que as transformações do universo feminino interferem diretamente em questões como amor, sexo, casamento e trabalho, buscando olhar para a história das mulheres, assim como para a representação delas no seriado *Sex and the City*. Certamente que encontramos apontamentos interessantes quanto ao futuro, e percebemos que por ainda estarmos em transição, ainda há muito da nova mulher para ser explorado.

Vemos que talvez, Engels estivesse certo ao dizer que a família progride na medida em que a sociedade progride e que esta sempre atende as exigências de sua época, assim, quando não estão mais atendendo a estas expectativas, a estrutura das famílias se transformam de acordo com a sociedade e a época. Certamente que os relacionamentos tradicionais não mais satisfazem as exigências deste tempo e, portanto, muito já foi mudado, mas ainda não alcançamos um modelo satisfatório - se é que um dia teremos a possibilidade de alcançá-lo.

O seriado *Sex and the City* traz diferentes perfis de mulheres, mostrando que esta nova mulher não precisa ter apenas um formato, todas são representadas no domínio público, mas, também não é uma regra - por exemplo, em certo momento, Charlotte se volta para o domínio privado, se apresenta como mãe e esposa - mas, todas mostram a possibilidade de fazer escolhas, de escolherem a direção da própria vida. Essas mulheres podem decidir quem serão, como serão, os lugares onde frequentarão, como aproveitarão e viverão a própria vida. Elas não necessitam de um homem, talvez os desejem, mas não precisam deles.

Ainda nos nossos dias, qualquer mulher solteira, sentiria a pressão social para que se casasse, mesmo após tantas conquistas e mudanças vividas. Para muitos o casamento ainda se apresenta como uma finalidade, como a realização mais importante da vida, e ainda, como uma obrigação, enquanto, a nova mulher esta desejosa por outros tipos de conquista que, em alguns momentos, se apresentam como mais importante do que o casamento (e mesmo a maternidade). As mulheres estão em busca das realizações pessoais, seja acadêmica, intelectual ou profissionalmente, e ainda o próprio prazer sexual, o consumismo, as viagens.

Apesar das frequentes menções aos contos de fadas ao tratar sobre o amor romântico, o final da série talvez não seja como muitos desejavam, as personagens não terminam todas casadas, com um homem ideal e filhos lindos e educados. Contudo, não

significa que não alcançam a felicidade ou ainda a realização. Não é um fim de histórias tradicionais e românticas, mas nos parece que as personagens terminam a série realizadas.

No final da série, Carrie estava com Aleksandr Petrovsky em Paris, mas não parecia feliz, quando Mr. Big corre até lá para buscá-la, então terminam a série juntos. Miranda havia se tornado mãe e se casado, e estava com morando no Brooklyn com Steve e o filho deles, Brady. Samantha que não acreditava em relacionamentos duradouros, após sobreviver ao câncer de mama, se vê amando Jerry, o ator mais novo que havia ficado ao seu lado durante todo o tratamento de câncer. E Charlotte termina casada com Harry, que não parecia o homem que sempre havia idealizado, mas se tornou o homem que amou. Charlotte e Harry decidem adotar uma criança e no término do seriado são uma família.

É interessante notarmos que apesar das personagens de *Sex and the City* passarem as seis temporadas mostrando sua independência e que não precisavam de um homem, todas elas terminam a última temporada em um relacionamento com um homem. O que ainda podemos notar é que estes relacionamentos não possuem uma estrutura convencional, apesar de serem relacionamentos heterossexuais, as mulheres – com exceção de Charlotte, mas sua escolha é consciente – não se voltam para a esfera privada, continuam com a possibilidade de conquistarem e serem sujeitos ativos na própria história, mas, agora não estão solteiras, e estão felizes com isso, até mesmo Samantha.

Gikovate diz que acredita que as mudanças que iniciaram nos anos 1960 ainda nos alcançam e que estamos em processo de mudança, e que devemos buscar conciliar as transformações externas com a realidade interna. Certamente que estamos ainda experimentando essas transformações e que muitas vezes, parece existir um embate entre as transformações externas - sociais, culturais - com a realidade interna que foi ensinada de uma forma tradicional e por mais que já rompeu com muitas dessas questões, elas ainda se fazem presente.

Assim, percebemos que as mulheres não aceitam qualquer tipo de relacionamento, nem mesmo qualquer pessoa para se relacionar. Elas possuem padrões, e por vezes, estes se apresentam bastante elevados, já que ela mesma se qualificou, se tornando, no caso das personagens do seriado, mulheres bem sucedidas, lindas, inteligentes e que não tem a necessidade de ter um homem.

Ao falar sobre o que imagina acerca do futuro dos casamentos, Belkis Morgado diz que

acredito que este será o sentido do casamento do futuro: não a promiscuidade de novos e simultâneos relacionamentos, mas a procura de um crescimento conjunto em função da manutenção de cada membro do casal como indivíduos diferentes, mas ajustados pelo crescimento constante de cada um.⁶¹

Ou seja, vemos que Morgado acredita que o futuro das relações não será a construção de relacionamentos submissos ou hierárquicos, mas sim, onde possa haver espaço para ambos serem indivíduos diferentes e que possam crescer, às vezes em conjunto, outras vezes individualmente.

Podemos pensar, então que o futuro dos relacionamentos será baseado na parceria, onde os envolvidos no compromisso - seja namoro, casamento, união estável, ou outras formas que venham surgir - tenham a amizade como base. Podemos pensar no que Gikovate chama em sua palestra “A importância do amor e das amizades” para o Café Filosófico, de “+amor”, ou seja, o relacionamento onde há amizade e também sexo, em que o casal consegue envelhecer juntos, passar horas conversando, onde podem fazer companhia um para o outro. O “+amor” seria o relacionamento no qual não apenas o sexo é importante, mas a presença do outro, e é bom quando este outro cresce, conquista, porque há um ambiente de amizade e não competição.

Podemos olhar para as personagens de *Sex and the City* e pensar que não desejam o casamento porque a ideia que possuem do mesmo é a do casamento centrado na figura do homem e da submissão da mulher, onde esta não tem espaço para ser quem deseja, mas, talvez seja exatamente isso que estão desejando, o “+amor”, ter alguém por desejarem alguém, mas continuarem a se verem como indivíduos.

Percebemos que as mulheres não querem um homem por necessidade, mas poderiam estar com um homem por desejar a presença dele.

Com isso, entendemos que *Sex and the City* mostra as angústias da nova mulher, sem esquecer o amor – o que nos parece ser um dos pontos mais importantes na identificação –, porém, vemos que essas mulheres constroem relações diferentes com o mesmo. A constituição da família não é uma obrigação nem um fim certo, mas uma possibilidade que se realizará na medida em que elas desejarem. O amor é importante, mas não um amor que as diminua, mas sim, o que as satisfaça, que permita que sejam

⁶¹ MORGADO, Belkis. *A solidão da mulher bem-casada*. 2 Ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1986. P. 57.

indivíduos, sujeitos, mas para onde elas possam olhar e acreditar que é bom estar. Os relacionamentos não podem roubar delas a independência e identidade, mesmo que em alguns momentos haja renúncias. E sim, a satisfação e a realização sexual são questões importantes, e elas não têm vergonha de dizer isso.

DOCUMENTAÇÃO E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Objeto de pesquisa:

SEX AND THE CITY. Direção: Allen Coulter, Michael Engler, Michael Patrick King; Roteiro: Cindy Chupack, Darren Star, Michael Patrick King. Produção: Antonia Ellis; Fotografia: John Thomas, Michael F. Barrow; Trilha Sonora: Bob Christianson; Estados Unidos da América: HBO, 1998-2004. 18 DVD's (45 horas), cor.

Referências Bibliográficas:

- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- BRAGA, Flávio e LINS, Regina Navarro. *O livro de ouro do sexo*. 1ª ed. São Paulo: Ediouro. 2005.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2. Ed. Lisboa: DIFEL, 2002
- DEL PRIORE, Mary. *Histórias Íntimas – sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta Brasil, 2011.
- ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. São Paulo: Escala Educacional, 2009.
- FERRO, Marc. *Os tabus da História*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- GIKOVATE, Flávio. *Uma nova visão do amor*. 5. Ed. Rev. São Paulo: MG Editores, 2009.
- GIKOVATE, Flávio. *Muitos homens têm medo de mulheres fortes*. Julho de 2015. Disponível em: <http://flaviogikovate.com.br/muitos-homens-tem-medo-de-mulheres-fortes/> (Última visualização em 27 de novembro de 2015)
- KIPNIS, Laura. *Contra o amor*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- HOLLANDER, Anne. *O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- LINS, Regina Navarro. *O livro do amor*, volume 2. 3. Ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2013.
- MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. 6. Ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2014.
- MASCARELLO, Fernando. *História do Cinema Mundial*. 7ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- MORGADO, Belkis. *A solidão da mulher bem-casada*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1986.
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- RAMOS, Alcides Freire. *Canibalismo dos Fracos: cinema e história do Brasil*. São Paulo: Edusc, 2002.
- ROSENSTONE, Robert A. *A história nos filmes, os filmes na história*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

ROWLANDS, Mark. *Tudo o que sei aprendi com a TV: a filosofia nos seriados de TV*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.

SOHN, Amy. *Sex and the City: Kiss and Tell*. New York: Pocket Books, 2004.

XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*, 2ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 2ª impressão, 2012.

Teses e dissertações:

(Monografia) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. KOPP, Juliana Borges. *Análise de representação feminina em Sex and the City*. Salvador, 2006.

Tese (Mestrado) – Faculdade de Comunicação Social, PUCRS, Porto Alegre. Messa, Márcia Rejane Postiglioni. *As mulheres só querem ser salvas: Sex and the City e o pós-feminismo*. Porto Alegre, 2006. Disponível em: <http://meriva.pucrs.br:8080/dspace/handle/10923/2146>

Tese (Doutorado) – Faculdade de Psicologia, PUCRS, Porto Alegre. BRUSCHI, Michel Euclides. *As narrativas das Gotas D'Água pós-moderna: Sex and the City e o fantasma do amor romântico*. Porto Alegre, 2009.

Palestras:

GIKOVATE, Flávio. Palestra: *A importância do amor e das amizades (parte 2)*. Café Filosófico. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=az-3C1GGK0o>. Acesso em: 29 de agosto de 2015.

DEL PRIORE, Mary. Palestra: *O casamento entre amor e sexo – o cuidado é feminino*. Café Filosófico. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PvmTr20dSXE>. Acesso em: 20 de agosto de 2015.

Revistas:

MENDONÇA, Martha; PIEMONTE, Marianne. Como o seriado Sex and the City inventou a mulher moderna. Revista Crescer. Disponível em: <http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,ERT5337-15565,00.html>

Website:

Página oficial de Sex and the City na HBO: <http://www.hbo.com/sex-and-the-city>